



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING SINDILAT

Dezembro de 2018



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING IMPRESSO

Dezembro de 2018

**Veículo:** Revista Indústria de Laticínios**Data:** Dezembro**Página:** pg52 e 53**Centimetragem:** 200cmIdeias

## Setor lácteo gaúcho confia na retomada da competitividade

Alexandre Guerra - presidente do Sindilat/RS

O ano de 2018 termina com um leque de incertezas e possibilidades pela frente. Além das mudanças que sempre se espera de um novo governo e de sua política, o setor lácteo tem pela frente o desafio de encontrar seu ponto de equilíbrio em um país marcado por um poder de compra diminuído, mas também por um gigante potencial de superação. O setor lácteo tem como grande desafio amenizar as oscilações constantes de preço e rentabilidade do leite e, assim, garantir a permanência de milhares de produtores e centenas de indústrias na atividade. Mais do que isso, é preciso estimular a economia, permitir a retomada da confiança do consumidor e do investidor em um país que vira o ano marcado pela divisão ideológica, social e política. E essa será a meta central do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul no ano que se aproxima: unir as pessoas em busca da estabilidade e do desenvolvimento.

Entendemos que se aproxima um período de negociação, onde será preciso sentar com os novos dirigentes do Poder Executivo e Legislativo nas esferas estadual e nacional para trabalhar por um plano de crescimento para o setor lácteo. Não que a solução para a instabilidade atual possa vir em um passe de mágica. Contudo, é preciso muito trabalho, organizar um planejamento estratégico que conceda ao setor capacidade de reinvestimento, modernização e competitividade.

Nesse intuito, o setor lácteo vem costurando estratégias para fomento à exportação como ferramenta para escoamento de excedentes e maior equilíbrio entre oferta e demanda. Uma equação que promete maior ajuste de preços e remuneração ao setor. Recentemente, lideranças reuniram-se para

tentar costurar um projeto-piloto de fomento ao embarque de leite em pó, produto que tem muito a crescer no mix das indústrias gaúchas.



Mas até sermos competitivos para nos transformarmos, de fato, em um país exportador, devemos também focar em um projeto que permita o embarque de produtos de valor agregado, como leite condensado, queijos e manteiga, como forma de permanecermos sempre no mercado externo, e não somente em momentos de excedente de produção.

É importante explicar porque o leite em pó é tão estratégico para o setor lácteo. Como o leite é um alimento vivo e perecível, sua secagem permite às indústrias a realização de estoques e controle da produção ofertada por ser um produto de maior validade e de logística mais competitiva. Além disso, o leite em pó é um dos principais produtos de exportação da cadeia láctea, permitindo a elaboração de diversos outros derivados tanto no Brasil quanto fora dele.

No primeiro semestre deste ano, o Brasil exportou 9,5 mil toneladas de produtos lácteos, cabendo ao leite em pó uma fatia inferior a 1%. A tendência é que essa cifra aumente nos próximos anos de forma a dar mais fôlego às empresas que operam no setor. Por outro lado, o leite UHT segue com uma importância muito grande na produção gaúcha de lácteos, o que influencia diretamente no preço pago ao produtor por litro com uma participação de mais de 40% no mix total das indústrias. Por outro lado, o leite em pó já está atingindo quase o mesmo peso na produção total do Rio Grande do Sul, que remete a outros estados 60% da produção. As operações de leite UHT

ainda têm um custo maior de logística do que as de leite em pó, uma dependência que precisa diminuir para garantir maior equilíbrio.

Consciente da necessidade de descentralizar a produção e aliviar a pressão no mercado interno, as indústrias vêm abrindo frentes de pesquisa para novos produtos. Além da expansão do mix de queijos, as empresas também entendem a necessidade de atender a novas demandas do mercado, como a procura por itens funcionais e com alto teor de proteína. E o Brasil vem provando que é muito bom nisso. Centenas de produtos são lançados todos os anos oferecendo aos consumidores novas opções, seja de rótulos especiais como os zero lactose, seja o altamente nutritivo *whey protein*.

A Região Sul deve assumir a frente nesse processo de prospecção no exterior. Dados da Aliança Láctea apontam que os três estados do Sul, unidos, totalizam 38% da produção láctea do Brasil, percentual que pode chegar a 50% até 2025. Entretanto, a região concentra menos de 15% da população brasileira, o que eleva a urgência em ganhar eficiência de escoamento.

Juntando a capacidade de produção brasileira com a excelência em tecnologia que se tem instalada, não resta dúvida de que, na próxima década, o Brasil tem condições de abocanhar uma fatia do mercado internacional. Claro que essa porta não deve se abrir de uma hora para outra. Há muito trabalho pela frente. Com a ajuda de ações da diplomacia brasileira e com o vigor e empreendedorismo de nossos empresários, é possível tornar o setor um player exportador da balança comercial de lácteos mundial. Não mais como receptor de lácteos do Prata, mas como um exportador de leite em pó e, também, de produtos de alto valor agregado.

Para isso, é essencial ganharmos em competitividade e reduzir custos. Isso não quer dizer minimizar rentabilidade, o que, diga-se de passagem, já está reduzida ao extremo. O que nos referimos é à obrigatoriedade de produzirmos mais com menos e isso exige investimento em genética, nutrição de ponta dos animais para melhorar a produtividade por animal e produção por propriedade, que ainda é baixa comparada com outros países exportadores, além de ajustes nos processos industriais. Afinal, especialistas apontam que, para conquistar o mercado internacional, é

preciso comercializar o produto brasileiro com preço 7% inferior ao praticado na Oceania, por exemplo.

Outra questão crucial a ser enfrentada é a logística. Altamente dependente do transporte rodoviário para a coleta de leite nas milhas de propriedades rurais espalhadas pelo país, a indústria tem pela frente o impasse imposto pelo novo tabelamento do frete. Um assunto espinhoso e que está longe de unanimidade. O Sindilat entende que, por operar com um produto vivo, os laticínios têm direito, conforme previsto pela ANTT, a uma tabela diferenciada. A contestação segue e a ideia é garantir justiça tanto ao setor quanto aos parceiros e evitar blackouts como o verificado em maio deste ano durante a greve dos caminhoneiros. Episódio que expôs a alta dependência do setor e já levou diversas empresas a repensarem seus modelos de distribuição Brasil afora. Um dos temas em análise, e que vem ganhando força, é a internalização das frotas de caminhões. Ou, ao menos, de parte delas.

O Sindilat acredita na potencialidade da indústria gaúcha, tanto que a pauta de exportação faz parte do planejamento da atual gestão. Sabemos que temos qualidade e tecnologia para fazer melhor. O próximo passo é apresentar às indústrias associadas um projeto-piloto de ação conjunta pela exportação que passe por ajustes técnicos e sanitários que nos habilitem a vender aos diferentes mercados. Afinal, antes de conquistar todos os clientes internacionais almejados, precisamos nos preparar para eles. E, agora, é hora de arregaçar as mangas.



Alexandre Guerra - presidente do Sindilat/RS

**Veículo:** Balde Branco  
**Data:** Dezembro  
**Página:** pg22, Economia  
**Centimragem:** 100cm

**ECONOMIA**

## Conseleites indicam o valor de referência do litro de leite

A seguir, as publicações do valor de referência do litro de leite em novembro de 2018, divulgadas pelos Conseleites, por meio de suas assessorias de imprensa

**Conseleite-RS** O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul em novembro ficou em R\$ 1,0920, o que representa queda de 5,44% em relação ao valor consolidado do mês de outubro (R\$ 1,1548). Os dados foram divulgados na reunião do Conseleite, realizada na sede da Fecoagro, em Porto Alegre-RS.

Segundo o professor da UPF, Eduardo Finamore, a redução reflete baixa dos preços de diversos derivados, principalmente, do leite condensado (-11,84%) e do leite UHT (-9,66%). A diminuição só não foi maior devido ao leite em pó, que teve redução de apenas 0,38%. Apesar de estarem em queda, ressalta ele, os valores nominais obtidos em 2018 para os principais produtos do mix (leite UHT, leite em pó, requeijão, queijo prato e iogurte, por exemplo) são os maiores da série histórica do Conseleite, que compara valores desde 2006. "Considerando a correção da inflação, o preço de referência no acumulado de 2018 está 14,39% maior do que o praticado no mesmo período de 2017", complementa Finamore.

Apesar da tendência de queda, explica o economista, a questão essencial é qual será o ponto de inflexão da curva do leite, uma vez que os próximos meses são, tradicionalmente, de queda de consumo em função do período de férias.

O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, argumenta que é preciso entender que o setor industrial está pressionado pelo varejo e que os preços estão todos em queda. "O setor precisa ganhar competitividade, mas a indústria não tem como absorver a redução sem reportar parte dela ao produtor. É a regra do mercado". (Assessoria de Imprensa Sindilat)

**Conseleite-PR** A diretoria do Conseleite-Paraná, reunida no dia 20 de novembro de 2018 na sede da Faep, em Curitiba, divulgou os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em outubro

de 2018 e a projeção dos valores de referência para o mês de novembro de 2018, calculados a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.

Os valores de referência são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 1,5%, a ser descontado do produtor rural. Os valores de referência indicados nesta resolução para a matéria-prima leite denominada, "Leite Padrão", se referem ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 500 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana. Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de novembro de 2018 é de R\$ 2,5288/litro.

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-PR disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: [www.conseleitepr.com.br](http://www.conseleitepr.com.br).

**Conseleite-SC** A diretoria do Conseleite Santa Catarina, reunida no dia 22 de novembro de 2018, em Chapecó, divulgou os preços de referência da matéria-prima leite, realizados no mês de outubro de 2018 e a projeção dos preços de referência para o mês de novembro de 2018.

Os valores divulgados compreendem os preços de referência para o leite padrão, bem como o maior e menor valor de referência, de acordo com os parâmetros de ágio e deságio em relação ao leite padrão.

O leite padrão é aquele que contém entre 3,50 e 3,59% de gordura, entre 3,11 e 3,15% de proteína, entre 450 e 499 mil células somáticas/ml e 251 a 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana e volume individual entregue de até 50 litros/dia.

Leite entregue em outubro, pago em novembro: I - Leite acima do padrão (maior valor de referência): R\$ 1,4194; II - Leite Padrão (preço de referência): R\$ 1,1540; III - Leite abaixo do padrão (menor valor de referência): R\$ 1,0685. (Valor, em R\$/litro, para o leite posto propriedade com Funrural incluso). O Conseleite-SC não precifica leites com qualidades inferiores ao leite abaixo do padrão. As informações são da Faesc. <sup>13</sup>

Veículo: Correio do Povo

Data: 03/12/2018

Página: pg12, Rural

Centimetragem: 68cm

LEITE CRU

# Mudanças ~~provocam~~ apreensão

Setor teme exclusão de produtores, enquanto Mapa diz que regras permitem avanço na qualidade

**A**s novas regras para produção e padrão de qualidade do leite cru foram publicadas na sexta-feira, no Diário Oficial da União, pelo Ministério da Agricultura (Mapa). As instruções normativas (INs) 76, 77 e 78 entram em vigor em 180 dias. Alguns itens não contemplaram pleitos das entidades, que puderam fazer sugestões ao Mapa enquanto as minutas ficaram em consulta pública, entre abril e junho deste ano. Há receio de que parte dos produtores não consiga se adequar no prazo estabelecido.

Uma das alterações fixadas na IN 77, que revogou a IN 62, de 2011, refere-se à temperatura do leite cru refrigerado no ato de sua recepção pelo estabelecimento, que passou de 10 graus Celsius para 7. A indústria tinha reivindicado que a temperatura ficasse em 9 graus, mas isso será admitido apenas excepcionalmente. "Entendemos que a exigência dos 7 graus, em termos de qualidade, será positiva, mas isso exigirá mudanças



IN prevê que produto deve estar armazenado a 7 graus no ato de recebimento

profundas no campo e em todo o sistema de coleta do leite", avalia a veterinária e consultora em Qualidade do Sindilat, Letícia Vieira. Para ela, os laticínios terão que reformular rotas e talvez investir em mais caminhões, para fazer com que o leite chegue mais rapidamente à indústria. Isso sugere que poderá ha-

ver exclusão de produtores que residem distante dos laticínios e dos que ainda utilizam sistemas antigos de resfriamento.

A professora de Medicina Veterinária da Unijuí Denize Fraga comenta que as publicações geraram apreensão no Noroeste gaúcho. "Muitos produtores vão ter que comprar novos resfriado-

res, mas isso não se resolve do dia para a noite e exige investimentos", observa. Outra regra que causou estranheza entre os laticínios é a que estabeleceu que o leite cru refrigerado deve apresentar limite máximo para Contagem Padrão em Placas de até 900 mil unidades formadoras de colônia por mililitro antes do processamento. "Esse padrão, para a indústria, ainda é desconhecido", diz Letícia, ao informar que o Sindilat já iniciou uma pesquisa para avaliar se este padrão é compatível com a realidade, já que o controle não era rotina na indústria. Em relação à qualidade do leite cru refrigerado foi mantida a contagem bacteriana máxima de 300 mil unidades por ml e 500 mil células somáticas por ml.

O Mapa, por sua vez, alega que as novas normas permitirão "avanço significativo nos índices de qualidade, aumento da produtividade leiteira, oferta de alimentos mais seguros à população e queda de barreiras comerciais para exportação".

**Veículo:** Zero Hora  
**Data:** 03/12/2018  
**Página:** pg18, Campo Aberto  
**Centimetragem:** 24cm

## EM OUTRA TEMPERATURA

A atualização da legislação que estabelece parâmetros de qualidade para o leite traz desafios para produtores e indústrias. As exigências das instruções normativas publicadas na sexta-feira entram em vigor em 180 dias, prazo para que ajustes sejam feitos.

Um dos pontos de atenção é a temperatura na chegada à plataforma das indústrias. Hoje, é de 10°C, mas com a nova regra, passará a ser de 7°C, excepcionalmente 9°C, acatando parcialmente sugestão do setor.

– As empresas terão de se reajustar, reformulando rotas. Três graus de temperatura é muito no nosso setor – observa a veterinária Leticia Vieira, consultora de qualidade do Sindilat-RS.

Pedrinho Signori, presidente do Conleite e vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, entende que a nova exigência é um complicador:

– O produtor terá de mudar horário de ordenha, ou o freteiro a rota. E tem problema de energia para garantir isso.



**Veículo:** Zero Hora  
**Data:** 06/12/2018  
**Página:** pg15, Campo Aberto  
**Centimetragem:** 22cm

## CORRIDA POR INDICAÇÃO GAÚCHA

Pelo menos quatro entidades representativas do agronegócio gaúcho tentam emplacar uma indicação para a Secretaria da Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário no futuro Ministério da Agricultura.

Famurs, Sindicato das Indústrias de Laticínios e Derivados do RS (Sindilat-RS), Associação Gaúcha de Laticinistas (AGL) e Conselho dos Secretários Municipais de Agricultura enviaram ofício à ministra indicada Tereza Cristina sugerindo o nome de Clair Kuhn para o cargo.

Filho de agricultores, Clair foi vereador por três



Clair Kuhn

mandatos e prefeito por dois de Quinze de Novembro, no Alto do Jacuí, pelo MDB. Na gestão de José Ivo Sartori, assumiu a presidência da Emater. Saiu para disputar uma cadeira na Assembleia do Estado, mas acabou não se elegendendo.

À época da sua nomeação para Emater, foi alvo de questionamentos por conta de sua formação, que é em Educação Física.

- Acho que a indicação das entidades é basicamente fruto do trabalho realizado na Emater. Não sei quantos nomes há Brasil afora, mas me senti honrado pela lembrança das entidades - diz Kuhn.

**GAUHAZH**



Leia outras  
colunas em  
[gauhazh.com](http://gauhazh.com)  
[/gauhazh](https://www.facebook.com/gauhazh)



**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 09/12/2018

**Página:** Capa, pg2 e pg3, Caderno Correio do Povo Rural

**Centimetragem:** 525cm

CORREIO DO POVO

9/12/2018 | CORREIO DO POVO RURAL | 1



**CR**  
**correio do povo rural**  
Edição: Darlan Junior | rural@correiodopovo.com.br  
Reportagem: Nereida Vergara | Ano 36 Número: 1.850

# Leite tipo exportação

NEREIDA VERGARA

Setor traça estratégia para aumentar a competitividade no comércio exterior até 2025, de modo a melhorar a liquidez e equilibrar a relação de preços no mercado interno

**18 mil**

toneladas de lácteos foram exportadas em 2018 pelo Brasil (queda de 20%)

A té outubro, o Brasil exportou próximo a 18 mil toneladas de leite em pó para cerca de 50 países. Nas vendas externas do agronegócio este volume é considerado insignificante e mais de 20% inferior à quantidade registrada no mesmo período de 2017. Desde o início de 2018, representantes da cadeia leiteira nacional, como a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a Aliança Láctea (que representa os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e o Sindicato das Indústrias de Laticínios (Sindilat/IS) buscam alternativas para mudar esse cenário e fazer da exportação de lácteos uma aliada no equilíbrio do setor no mercado interno. As entidades elaboraram um projeto que visa ampliar as exportações brasileiras de lácteos dos atuais 1% da produção para 10% até 2025. Entre os principais entraves a serem enfrentados está a questão do preço do leite em pó brasileiro, bem mais caro do que o oferecido no mercado internacional.

O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, explica que, hoje, o quilo do leite em pó no mercado internacional oscila entre R\$ 11 e R\$ 12, enquanto que no mercado interno chega a R\$ 15. "O problema maior está nas dificuldades logísticas que precisam ser racionalizadas para diminuir o frete do produto até o porto e no custo de produção, muito alto", reclama. Palharini salienta que o setor tentou encaixilhar com o governo, no início deste ano, a possibilidade de realização de leilões na modalidade Prêmio de Escasamento da Produção (PEP), mas não obteve sucesso. "Com o PEP compensaria o

frete e se conseguiria vender com preço mais atrativo. Vamos tentar retomar o assunto quando assumir a nova ministra da Agricultura", adianta.

A pesquisadora da Equipe Leite do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), Nathália Grigol, diz que a dificuldade do setor leiteiro de colocar seu produto no mercado externo tem origens na história da cadeia no Brasil. "O preço pouco competitivo do produto brasileiro se deve à desorganização do setor leiteiro e à falta de políticas de Estado que respaldem a atividade", analisa. Nathália aponta que para entrar na briga pelo mercado externo são necessárias atitudes desde dentro da porteira – como assistência técnica, gestão da propriedade e medidas sanitárias – e fora dela, com o fortalecimento das relações entre produtor e indústria. "Só com estes dois entes caminhando juntos, e o apoio correto do governo, é que se poderá competir com nações que têm tradição neste comércio", pontua.

**SANIDADE É RESTRIÇÃO.** A Associação Brasileira de Laticínios (Viva Lácteo) esclarece que, além da questão dos preços, o produto nacional enfrenta restrições na União Europeia, na Turquia e na Bielorrússia, regiões onde é exigido o Certificado Sanitário Internacional, de comprovação de zona/região livre de brucelose e tuberculose. A Viva Lácteo ressaltou que estes mercados embargam o leite em pó brasileiro pelo princípio de precaução em detrimento da análise de risco, uma vez que, do ponto de vista sanitário, inexistem o risco de se contrair

brucelose e tuberculose pelo consumo de leite em pó, condensado, queijos maturados e outros derivados. "Alguns países preferem desconsiderar as alegações científicas, afim de manter barreiras não tarifárias", salienta a assessora da associação.

Os três estados da região Sul respondem por um terço da produção nacional de leite, o que representa cerca de 12 bilhões de litros. De acordo com a Aliança Láctea, essa produção poderá chegar a 50% do total do país até 2025, num território que detém apenas 15% da população, o que leva a um excedente de matéria-prima. Tiago Rodrigues, assessor técnico da Comissão Nacional de Biotecnologia de Leite da CNA, lembra que facilitar as exportações é o caminho para manter a balança comercial mais forte e evitar que o preço interno se deteriore, como ocorreu em 2016 e 2017 com a importação de volumes expressivos do Mercosul. "Os Estados do Sul têm o potencial necessário para impulsionar as exportações, pois produzem com muita qualidade e muito profissionalismo", afirma Rodrigues. O assessor conta que no início de novembro a CNA levou empresas de lácteos nacionais a uma feira em Xangai, para mostrar a qualidade da produção. "A China representa hoje 40% do mercado importador de lácteos e o Brasil precisa ingressar neste segmento", completa. Os principais mercados importadores de lácteos brasileiros são Arábia Saudita, Bolívia, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Paraguai, Peru e Rússia. Estão em fase de abertura a África do Sul, a China e o México.

Muitos produtores alegam que valores das indenizações não compensam o gasto com a certificação



## Padrão sanitário é des

Rio Grandedo Sul tem o maior número de propriedades certificadas como áreas livres da brucelose e da tuberculose, à frente do Paraná e de Santa Catarina

Mesmo que apenas os mercados da União Europeia, da Bielorrússia e da Turquia imponham restrições aos lácteos brasileiros por conta da brucelose e tuberculose, a certificação das propriedades como áreas livres das duas doenças é meta do setor e das autoridades sanitárias, em especial da região Sul. O secretário-executivo do Sindicato das Indústrias de Laticínios (Sindilat/RS), Darlan Palharini, afirma que das 85 mil propriedades que entregam leite com regularidade às indústrias no Estado, apenas 2,8 mil são certificadas contra as doenças. O número, embora considerado pequeno, de acordo com Palharini é o melhor do Brasil, seguido pela Paraná, com 1,4 mil propriedades, e Santa Catarina, com 700. O dirigente diz que o processo de certificação é lento e deve levar mais de uma década para ser concluído. "O processo de certificação pode levar em torno de um ano em cada propriedade, mas é vantajoso para o produtor e a indústria que oferece aos consumidores um leite de mais qualidade", acentua.

O veterinário Rodrigo Etges, do Programa de Combate à Brucelose e Tuberculose da Secretaria da Agricultura, acredita que a

quantidade de certificações do Estado seja menor do que a calculada pelo Sindilat. Etges garante que o controle das duas doenças é complexo em território gaúcho, onde diariamente se movimentam pelo menos 18 mil cabeças de gado. A Seapi afirma que a prevalência de tuberculose no rebanho do Rio Grande do Sul é de 2,8%, e de brucelose de 3,54%. Até setembro deste ano, de acordo com Etges, foram aplicados 190 mil testes, chegando a 1.734 resultados positivos. Em 2017, foram aplicados 250 mil testes, com 1.442 resultados positivos. Ao longo deste ano, o Estado chegou a sofrer com a falta do antígeno tuberculina, em função da interdição de um dos laboratórios nacionais que fabricava o insumo. Etges garante que o problema está superado, desde que o Ministério da Agricultura liberou a importação de tuberculina do Uruguai.

Parte da lentidão no processo de certificação contra brucelose e tuberculose deve-se, conforme o veterinário Oldemar Heck Weiller, da Emater Regional de Ijuí, à desconfiança do produtor. A identificação de animais positivos para as doenças implica o abate do gado, o que muitos agricultores não aceitam por entender que as indenizações ofere-

cidas não compensam. Weiller diz também que o fato de a indústria aceitar o leite sem certificação acaba desmotivando os pecuários. "Como a pasteurização torna o leite seguro para consumo e a valorização por qualidade é pequena, muitos não querem fazer o teste. O que é um erro, se pensarmos o consumidor é cada vez mais exigente e interessado na qualidade e na origem dos produtos", pondera.

As indenizações pagas pelo Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa/RS) nos casos de brucelose e tuberculose, por animal abatido, variam de R\$ 712 a R\$ 2.965, conforme idade e o drão racial. O presidente do Fundesa, Ricardo Kerber, frisa que não é um bom argumento deixar de fazer os testes invocando o valor das indenizações. Segundo ele, matar um animal doente na propriedade contribui para a disseminação das doenças e a contaminação do leite. Até setembro deste ano, o fundo pagou R\$ 3,13 milhões em indenizações a produtores de gado leiteiro no Rio Grande do Sul. Em 2017, o total de indenizações pagas somou R\$ 3,78 milhões. O Estado é um dos poucos do país a indenizar produtores de brucelose e tuberculose.



ALICE BOGA

## Cooperativa exporta há oito anos, mas aponta instabilidade

O alinhamento das variáveis de sanidade, preço e políticas públicas para o setor leiteiro, que estão sendo defendidas pela CNA, Aliança Látcea Sul Brasileira e Sindi-lat/RS e que visam dar competitividade aos produtos lácteos brasileiros, é esperado pelas empresas gaúchas que já exportam para o mercado internacional.

No Rio Grande do Sul, a Lactalis, empresa de matriz francesa com plantas instaladas na região de Santa Rosa, iniciou suas operações de exportação a partir deste ano, com as primeiras cargas de leite achocolatado, creme de leite e leite condensado embarcadas para o Uruguai. Já a Cooperativa Central Gaúcha Ltda. (CCGL) exporta, desde 2010, leite em pó, creme de leite e achocolatados para países africanos, do Oriente Médio e da América do Sul.

De acordo com a diretora comercial da CCGL, Michele Mucillo Seibach, não há regularidade nos volumes embarcados para o exterior, o que leva as operações a serem realizadas pontualmente. "No ano de 2015, as exportações de leite em pó participaram em 24% do volume total de lácteos comercializado pela empresa, mas no ano seguinte, as exportações não foram viabilizadas. Em 2017, as vendas externas representaram em torno de 4% e neste ano estão por volta de 1%", exemplifica a diretora. Michele diz que o carro-chefe das vendas da cooperativa para o exterior é o leite em pó, cujo volume diário processado na unidade de Cruz Alta chega a 2,2 milhões de litros em duas torres de secagem.

"Os esforços em promover a exportação de produtos lácteos são essenciais para que se articule junto às empresas, entidades, órgãos governamentais e se cons-



Unidade industrial foi projetada de modo a atender aos mercados mais exigentes em qualidade e controle de processos

ALICE BOGA / FOTOS EMBARCADO DE LEITE / CP

trua um projeto para melhorarmos a competitividade frente aos concorrentes internacionais", salienta a diretora. Segundo ela, em todas as fases de expansão da CCGL, a análise do mercado internacional foi prioridade. "Nossa unidade industrial (inaugurada em 2016) foi projetada com a finalidade de atender aos mercados mais exigentes em termos de qualidade e controle de processos", relata.

No quesito sanidade, a cooperativa executa um programa próprio de certificação da brucelose e da tuberculose, dividido em três fases e que já chega a 40% dos 4,2 mil produtores associados à cooperativa. "Esses produtores representam 80% do nosso rebanho fornecedor. Na fase atual, 50% dos animais testados já foram negativos para as duas doenças", garante Michele.

## safio

sem  
risco  
de  
doenças  
que  
infectam  
o  
rebanho  
de  
leiteiros  
de  
todo  
o  
Brasil  
e  
do  
Rio  
Grande  
do  
Sul

### NO RASTRO DAS DOENÇAS

O Rio Grande do Sul aplicou

**190**

**mil testes**  
de brucelose e  
tuberculose até setembro  
deste ano, dos quais  
1.734 deram positivo  
Em 2017, foram

**250**

**mil testes**  
e 1.442 resultados  
positivos

Fonte: Seapi e Fundesa

REBEKA SCHINDWEIN / DIVULGAÇÃO / CP



Schindwein calcula em dois a três centavos a mais por litro o ganho desde que conquistou a certificação, há quatro anos

## CERTIFICAÇÃO TRAZ GANHOS

A principal atividade da propriedade de Aírton Schindwein, em São Valério do Sul, na Região Ceileiro do Estado, é a produção de leite. Com um plantel de 80 vacas e um volume diário de entrega para a indústria de 1,6 mil litros de leite, o agricultor se beneficia da certificação como área livre de brucelose e tuberculose há quatro anos. Segundo Schindwein, embora o processo seja mais complexo no primeiro ano, ele oferece vantagens inegáveis para o empreendimento. "Eu recebo de R\$ 0,02 a R\$ 0,03 centavos a mais por litro de leite, pela qualidade que oferece. Além disso, tenho a segurança de ter um rebanho sadio que pode ser comercializado sem riscos, se eu precisar", aponta.

O produtor acredita que o gasto anual de cerca de R\$ 30,00 por animal para a aplicação dos testes – o custo inclui a contratação de um veterinário credenciado da iniciativa privada, já que a Seapi fornece os antígenos, mas não faz a aplicação – é pequeno se forem contabilizados os ganhos. "Até para vender localmente o leite é mais vantajoso", diz Schindwein, ao garantir que no comércio a origem do produto tem cada vez mais importância e quem tem a certificação larga na frente. O mesmo vale para a venda das vacas, "consigo um preço muito melhor sem o risco de doenças", completa.

**Veículo:** Jornal do Comércio  
**Data:** 14/12/2018  
**Página:** pg6, Caderno Perspectivas  
**Centimetragem:** 36cm

## Consumo interno de carne e leite terá demanda extra

Representantes de criadores de bovinos de corte e de leite e indústrias são unânimes no otimismo quanto ao aumento do consumo de carne e em derivados do leite no mercado doméstico em 2019. A confiança vem de perspectivas de recuperação de renda e emprego no País, parte motivada pela expectativa de que reformas fiscais sejam feitas pelo novo governo federal, o que estimularia a economia nacional.

Presidente da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), Gedeão Pereira explica que a criação gaúcha fica praticamente toda no Estado, e, por isso, ao produtor local o que mais afeta compra e venda são índices de desemprego, inflação, taxas de juros e recuperação de renda. "O consumo doméstico tem tudo para se expandir no próximo ano. O governo tende a ter seu peso reduzido com privatizações e com as reformas necessárias, e isso estimula economia", opina Gedeão.

Assim como o prato brasileiro deve receber mais carne de gado, o copo igualmente deve ficar mais cheio de

leite em 2019, avalia o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. O setor lácteo do Brasil espera, além do aumento do consumo, que não se repita a invasão de leite em pó do Mercosul para desestabilizar o setor. "O problema não é nem a quantidade de leite que ingressa. O dano ocorre porque há um ingresso concentrado demais, o que faz os estoques nacionais subirem e os preços desabarem", explica Guerra.

Para o executivo, a tendência segue de retração no número de famílias na atividade, o que teria seu lado positivo. Guerra ressalta que para melhorar a competitividade do setor o ideal seria que as empresas façam a coleta em menos propriedades, e em propriedades melhores estruturas. Com mais tecnologia, as propriedades produzem mais leite por hectare e por animal. "Aumentar a produtividade segue sendo nosso maior desafio, mais do qualquer o problema do leite que ingressa do Mercosul", resume o presidente do Sindilat.

**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 14/12/2018

**Página:** pg16, Geral

**Centimetragem:** 30cm



Cintia Marchi, Danton Júnior e Alina Souza com suas premiações

**SINDILAT**

## Três profissionais são premiados

Profissionais do **Correio do Povo** estiveram entre os agraciados com o 4º Prêmio Sindilat de Jornalismo, entregue na noite de quarta-feira, em Porto Alegre. Na categoria On Line, o primeiro lugar ficou com a reportagem "Novos tempos do leite", de autoria dos jornalistas Cintia Marchi e Danton Júnior, publicada no site do CP em maio de 2018. A reportagem abordou a transformação na cadeia produtiva do leite a partir da des-

coberta de fraudes que culminaram na operação Leite Compençado, desencadeada há 5 anos pelo Ministério Público Estadual (MPE). Na categoria fotografia, a vencedora foi a repórter fotográfica Alina Souza.

O Sindilat também prestou homenagem a pessoas e entidades que contribuíram com o desenvolvimento do setor no Rio Grande do Sul. O jornalista Roberto Tavares, que trabalhou no Correio do

Povo e na Rádio Guaíba, foi agraciado com o Destaque 2018 na categoria Personalidade. O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, destacou que uma das grandes bandeiras do setor leiteiro em 2019 será fortalecer a região Sul do país como exportadora de lácteos. "O Sindilat tem sido um agente de negociações em Brasília e em grupos de trabalho para garantir a abertura de mercados", observou Guerra.

**Veículo:** Jornal do Comércio

**Data:** 14/12/2018

**Página:** pg15, Economia

**Centimetragem:** 12cm

## Sindilat premia destaques do setor lácteo

O Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat) entregou na noite de quarta-feira (12) o Prêmio Destaques 2018. A cerimônia ocorreu no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre.

---

A iniciativa consagra personalidades e empresas que se distinguiram ao longo do ano em prol do setor lácteo, dividida em 10 categorias. Neste ano, os homenageados foram: Agronegócio Nacional - Luiz Carlos Heinze; Agronegócio Estadual - Antonio Cettolin; Liderança Política - Onyx Lorenzoni; Personalidade - Roberto Tavares; Servidor Público - Karla Pivato; Setor Público - Bernardo Todeschini; Inovação - Lactalis do Brasil; Pesquisa - Tetra Pak; Responsabilidade Social - Colégio Teutônia; e Indústria - Rasio.

---

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 19/12/2018

Página: pg14, Economia

Centimetragem: 70cm

AGRONEGÓCIOS

## Preço do leite termina 2018 com alta ante 2017

Conseleite espera que próximo ano tenha recuperação da cadeia láctea, mas produtores enfrentam alta de gastos

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017.

Segundo dados divulgados ontem pelo Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite (Conseleite), houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006. Contudo, se considerarmos a inflação (IPCA), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258).

“O ano de 2018 foi melhor do

que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria”, constata o professor Eduardo Finamore, da Universidade de Passo Fundo (UPF), responsável pela pesquisa. Otimista, Finamore acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. “O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços”, indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final de 2018, a previsão do Conseleite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix

no Rio Grande do Sul. “De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49%, e o leite em pó, 6,25%”, acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conseleite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul. “Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade.”

O secretário executivo do



Descontada a inflação do período, aumento no valor alcançou 11,42%

Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul.

Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. “Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado”, salientou.

**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 20/12/2018

**Página:** pg11, Rural

**Centimetragem:** 48cm

MERCOSUL

# Expectativas do agro enfrentarão obstáculos

Especialistas dizem que sinalizações do novo governo à cadeia produtiva são de difícil execução

**E**studiosos do comércio internacional não acreditam que as sinalizações feitas por integrantes do governo federal eleito à cadeia produtiva rural, de mudanças nas relações com o Mercosul, serão concretizadas com facilidade.

Um desses casos é o do leite. Nesta semana, em reunião com a futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina, representantes do setor pediram o estabelecimento de cotas de importação, para evitar que volumes exagerados entrem no país, e ficaram animados, por terem ouvido que o assunto não pode ser “negligenciado” e porque, em outras ocasiões, a interlocutora já defendeu a revisão do acordo com o bloco.

O coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq Geopolítica e Mer-

cosul e professor da curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), Charles Pennafort, observa que é viável estabelecer cotas e taxas, ou proibir a importação, mas adverte que isso vale para ambos os lados. Pennafort considera que o caminho não é criar medida protecionista e “clima de rivalidade”, mesmo que se saiba que o Brasil está em desvantagem na comparação dos custos de produção com os países vizinhos. Defende ainda que o caminho não é revisar o Mercosul, mas fortalecê-lo. “Se joga em cima do Mercosul toda má sorte sobre o que vem ocorrendo em termos de comércio”, diz. “Mas qualquer passo a ser dado tem que ser muito bem avaliado tecnicamente, por pessoas que realmente tenham conhecimento aprofundado do assunto”, sugere.

O professor do Departamento de Economia da Unijuí, que estuda negociações comerciais multilaterais, Argemiro Brum, não acredita que a ministra tenha “tanta força e condições políticas” para proibir a importação ou estabelecer taxas. Ele sustenta que seria mais

fácil para o Brasil propor alguma medida se conseguisse provar que há práticas irregulares do lado uruguaio, como dumping ou triangulação comercial. “Talvez, o melhor caminho seja uma conversa entre os dois países, mas nada acontece do dia para a noite”.

Ao mesmo tempo, o presidente da Comissão de Leite na Federação da Agricultura (Farsul), Jorge Rodrigues, afirma que o país deve tomar uma medida urgente. “O Ministério da Agricultura também é do Abastecimento e precisa tomar providências para controlar o abastecimento e a demanda interna”, cobra, ao enfatizar que o produtor vive uma “situação crítica”.

O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, diz que o uso de cotas de importação geraria previsibilidade para o setor. Lembra que em outubro e novembro a entrada de lácteos, principalmente da Argentina, saltou 58% na comparação com os primeiros nove meses do ano. Também disse que este “exagero” desestabiliza a cadeia no Rio Grande do Sul, que já concorre em nível de desigualdade por conta dos preços insumos.



**Veículo:** Jornal do Comércio

**Data:** 28/12/2018

**Página:** pg4, Opinião

**Centimetragem:** 26cm

ARTIGOS

## Setor lácteo: hora de renovar e inovar

Alexandre Guerra

Os desafios impostos à cadeia leiteira no ano que se encerra foram os mesmos que deixaram evidente a grande potencialidade do setor. Relembrando que a mais abrangente greve dos caminhoneiros atingiu em cheio nossas indústrias e nossos produtores e nos levou a questionar sobre a logística do setor, a pensar em formas de inovar, de produzir diferente e de sermos mais competitivos. Ingressamos em 2019 com otimismo renovado frente ao cenário político-econômico que se desenha, apostando no potencial do segmento que só no RS é responsável por 2,81% do PIB, e comemorando a retomada de nosso Estado na segunda colocação nacional na produção de leite. São 4,55 bilhões de litros/ano, ou 13,6% da produção de todo o País.

No ano em que completamos 50 anos de atuação em prol do desenvolvimento do setor lácteo gaúcho, temos pela frente uma grande missão, que é a de elevar o nível de competitividade na cadeia produtiva. Estamos longe dos grandes centros de consumo e precisamos de estratégias para alcançá-la de uma forma viável. Uma de nossas ações prioritárias, que em 2018 se consolidou como uma bandeira, é o

fomento às exportações. Somos agente de negociações em Brasília para garantir a abertura de mercados e a definição de ações para exportação de leite, medida essencial para estabilizarmos a produção no Sul, região reconhecida pelo excelente controle sanitário e por ter os rebanhos mais testados para brucelose e tuberculose do País. Alicerçados no trabalho realizado com a Aliança Láctea Sul Brasileira, nossa meta é fazer com que Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná respondam, até 2025, por 50% da produção nacional de leite. Mais do que volume, acreditamos na excelência de nossos produtos e na atração por consumidores de diferentes países. Para alcançarmos esse objetivo, precisamos da sensibilidade dos governos de diferentes esferas no atendimento de nossas mazelas para ganharmos competitividade e enfrentarmos o Mercosul. Assim como os governos, nos comprometemos com o crescimento do Brasil e fazemos o dever de casa ao trabalharmos pelo desenvolvimento de uma atividade que no Rio Grande do Sul envolve diretamente 65 mil famílias.

*Presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados/RS*

**Veículo:** Zero Hora

**Data:** 29 e 30 /12/2018

**Página:** pg4 e 5, Campo e Lavoura

**Centimetragem:** 60cm

# Quem fará a diferença em 2019

**JOANA COLUSSI**

joana.colussi@zerohora.com.br

*No epicentro da retomada da economia em 2019, o agronegócio poderá ser protagonista também em iniciativas que elevem as atividades no campo para patamares acima da média em produtividade, qualidade e eficiência. As ações que farão a diferença no novo ano envolvem investimentos em inovação tecnológica, alimentos mais elaborados e valorizados, certificações de procedência, produções sustentáveis e biossegurança.*

- As tecnologias para redução da mão de obra e a gestão de custos da propriedade são as grandes chaves para a competitividade do setor leiteiro - diz Darlan Palharini, diretor-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado (Sindilat-RS).
- Além de diminuir o esforço físico, a agricultura familiar precisa apostar em itens que despertem o interesse do consumidor - em uma relação cada vez mais próxima.
- E o diferencial pode vir da apresentação do produto à exclusividade dele - indica Jocimar Rabaioli, assessor de política agrícola

*e agroindústria da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetag-RS).*

*A qualidade dos alimentos está diretamente associada à biossegurança dos processos, especialmente em setores que exigem cuidados sanitários específicos, como a produção de carnes.*

- A nossa condição, livre de influenza aviária e de peste suína, é o nosso maior patrimônio. A preservação desse status é imprescindível para o mercado externo de aves e de suínos - explica Rui Vargas, vice-presidente técnico da Associação Brasileira de Proteína Animal (ÁBPA).

*E quem trabalha com commodities conseguirá se destacar com o uso de tecnologias que garantam altas produtividades e custos menores.*

- É preciso tocar o negócio de forma profissional, e isso exige investimentos que vão de sementes fiscalizadas, adubação, agricultura de precisão à irrigação - enumera Eduardo Condorelli, futuro superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural no Rio Grande do Sul (Senar-RS).



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING ELETRÔNICO

Dezembro de 2018

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/jornal-da-pecuaria/novas-regras-para-leite-cru-preocupam-setor-productivo/>

**Página:** Informação

**Data:** 04/12/2018

LEGISLAÇÃO

## Novas regras para leite cru preocupam setor produtivo

Presidente do Sindilat-RS fala sobre o impacto da mudança sobre os produtores e as indústrias

4 de dezembro de 2018 às 23:24  
Por Canal Rural



Os novos regulamentos técnicos divulgados pelo Ministério da Agricultura para leite cru refrigerado e leite pasteurizado vão provocar mudanças no sistema produtivo atual, tanto para o produtor quanto para as indústrias. O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat-RS), Alexandre Guerra, fala sobre o que está preocupando o produtor.

**Veículo:** GuiaLat

**Link:** [https://www.guiaLat.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=4064](https://www.guiaLat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=4064)

**Página:** Cadeia do Leite

**Data:** 11/12/2018

## Leite tipo exportação

11/12/2018 08:53:09 - Por: Sindilat

Os três estados da região Sul respondem por um terço da produção nacional de leite, o que representa cerca de 12 bilhões de litros.



Até outubro, o Brasil exportou próximo a 18 mil toneladas de leite em pó para cerca de 50 países. Nas vendas externas do agronegócio este volume é considerado insignificante e mais de 20% inferior à quantidade registrada no mesmo período de 2017. Desde o início de 2018, representantes da cadeia leiteira nacional, como a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a Aliança Láctea (que representa os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e o Sindicato das Indústrias de Laticínios (Sindilat/RS) buscam alternativas para mudar esse cenário e fazer da exportação de lácteos uma aliada no equilíbrio do setor no mercado interno. As entidades elaboraram um projeto que visa ampliar as exportações brasileiras de lácteos dos atuais 1% da produção para 10% até 2025. Entre os principais entraves a serem enfrentados está

a questão do preço do leite em pó brasileiro, bem mais caro do que o oferecido no mercado internacional.

O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, explica que, hoje, o quilo do leite em pó no mercado internacional oscila entre R\$ 11 e R\$ 12, enquanto que no mercado interno chega a R\$ 15. "O problema maior está nas dificuldades logísticas que precisam ser racionalizadas para diminuir o frete do produto até o porto e no custo de produção, muito alto", reclama. Palharini salienta que o setor tentou encaminhar com o governo, no início deste ano, a possibilidade de realização de leilões na modalidade Prêmio de Escoamento da Produção (PEP), mas não obteve sucesso. "Com o PEP compensaria o frete e se conseguiria vender com preço mais atrativo. Vamos tentar retomar o assunto quando assumir a nova ministra da Agricultura", adianta. A pesquisadora da Equipe Leite do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), Nathália Grigol, diz que a dificuldade do setor leiteiro de colocar seu produto no mercado externo tem origens na história da cadeia no Brasil.

"O preço pouco competitivo do produto brasileiro se deve à desorganização do setor leiteiro e à falta de políticas de Estado que respaldem a atividade", analisa. Nathália aponta que para entrar na briga pelo mercado externo são necessárias atitudes desde dentro da porteira - como assistência técnica, gestão da propriedade e medidas sanitárias - e fora dela, com o fortalecimento das relações entre produtor e indústria. "Só com estes dois entes caminhando juntos, e o apoio correto do governo, é que se poderá competir com nações que têm tradição neste comércio", pontua.

### Sanidade é restrição

A Associação Brasileira de Laticínios (Viva Lácteo) esclarece que, além da questão dos preços, o produto nacional enfrenta restrições na União Europeia, na Turquia e na Bielorrússia, regiões onde é exigido o Certificado Sanitário Internacional, de comprovação de zona/região livre de brucelose e tuberculose. A Viva Lácteo ressalta que estes mercados embargam o leite em pó brasileiro pelo princípio de precaução em detrimento da análise de risco, uma vez que, do ponto de vista sanitário, inexistente o risco de se contrair brucelose e tuberculose pelo consumo de leite em pó, condensado, queijos maturados e outros derivados. "Alguns países preferem desconsiderar as alegações científicas, afim de manter barreiras não tarifárias", salienta a assessoria da associação.

Os três estados da região Sul respondem por um terço da produção nacional de leite, o que representa cerca de 12 bilhões de litros. De acordo com a Aliança Láctea, essa produção poderá chegar a 50% do total do país até 2025, num território que detém apenas 15% da população, o que leva a um excedente de matéria - prima. Tiago Rodrigues, assessor técnico da Comissão Nacional de Bovinocultura de Leite da CNA, lembra que facilitar as exportações é o caminho para manter a balança comercial mais forte e evitar que o preço interno se deteriore, como ocorreu em 2016 e 2017 com a importação de volumes expressivos do Mercosul. "Os Estados do Sul têm o potencial necessário para impulsionar as exportações, pois produzem com muita qualidade e muito profissionalismo", afirma Rodrigues. O assessor conta que no início de novembro a CNA levou empresas de lácteos nacionais a uma feira em Xangai, para mostrar a qualidade da produção. "A China representa hoje 40% do mercado importador de lácteos e o Brasil precisa ingressar neste segmento", completa. Os principais mercados importadores de lácteos brasileiros são Arábia Saudita, Bolívia, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Paraguai, Peru e Rússia. Estão em fase de abertura a África do Sul, a China e o México.

**Veículo:** GuiaLat

**Link:** [https://www.guiaLAT.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=4065](https://www.guiaLAT.com.br/?p=detalhar_noticia&id=4065)

**Página:** Cadeia do Leite

**Data:** 11/12/2018

## Cooperativa exporta há oito anos, mas aponta instabilidade

11/12/2018 09:07:38 - Por: Sindilat

De acordo com a diretora comercial da CCGL, Michele Muccillo Selbach, não há regularidade nos volumes embarcados para o exterior, o que leva as operações a serem realizadas pontualmente.



O alinhamento das variáveis de sanidade, preço e políticas públicas para o setor leiteiro, que estão sendo defendidas pela CNA, Aliança Láctea Sul Brasileira e Sindilat/RS e que visam dar competitividade aos produtos lácteos brasileiros, é esperado pelas empresas gaúchas que já exportam para o mercado internacional. No Rio Grande do Sul, a Lactalis, empresa de matriz francesa com plantas instaladas na região de Santa Rosa, iniciou suas operações de exportação a partir deste ano, com as primeiras cargas de leite achocolatado, creme de leite e leite condensado embarcadas para o Uruguai. Já a Cooperativa Central Gaúcha Ltda. (CCGL) exporta, desde 2010, leite em pó, creme de leite e achocolatados para países africanos, do Oriente Médio e da América do Sul. De acordo com a diretora comercial da CCGL, Michele Muccillo Selbach, não há regularidade nos volumes

embarcados para o exterior, o que leva as operações a serem realizadas pontualmente. "No ano de 2015, as exportações de leite em pó participaram em 24% do volume total de lácteos comercializado pela empresa, mas no ano seguinte, as exportações não foram viabilizadas.

Em 2017, as vendas externas representaram em torno de 4% e neste ano estão por volta de 1%", exemplifica a diretora. Michele diz que o carro-chefe das vendas da cooperativa para o exterior é o leite em pó, cujo volume diário processado na unidade de Cruz Alta chega a 2,2 milhões de litros em duas torres de secagem. "Os esforços em promover a exportação de produtos lácteos são essenciais para que se articule junto às empresas, entidades, órgãos governamentais e se construa um projeto para melhorarmos a competitividade frente aos concorrentes internacionais", salienta a diretora. Segundo ela, em todas as fases de expansão da CCGL, a análise do mercado internacional foi prioridade. "Nossa unidade industrial (inaugurada em 2016) foi projetada com a finalidade de atender aos mercados mais exigentes em termos de qualidade e controle de processos", relata. No quesito sanidade, a cooperativa executa um programa próprio de certificação da brucelose e da tuberculose, dividido em três fases e que já chega a 40% dos 4,2 mil produtores associados à cooperativa. "Esses produtores representam 80% do nosso rebanho fornecedor. Na fase atual, 50% dos animais testados já foram negativados para as duas doenças", garante Michele. (Correio do Povo)

### Nova referência para preço do leite em MG

Maior produtor de leite do Brasil, Minas Gerais terá a partir do próximo ano um novo sistema de preços de referência para o alimento. O cálculo será feito por um grupo de acadêmicos e deverá nortear laticínios em relação aos valores a serem pagos aos produtores no Estado. A expectativa de quem está no campo é que a indústria passe a pagar mais pelo leite, sem que esse aumento chegue ao consumidor. O cálculo dos preços de referência - dos leites de qualidade intermediária, superior e inferior - será feito por uma entidade que será oficialmente formada esta semana, o Conleite. Será um conselho com representantes dos criadores de gado leiteiro, de cooperativas de leite e dos laticínios que operam no Estado. Dois professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e um professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP) terão a tarefa de analisar mensalmente os custos dos laticínios e os custos de produtores de distintos perfis. Vão agregar essas informações a dados do mercado e calcular preços referenciais para o leite a ser pago ao produtor. Os preços devem começar a ser anunciados em fevereiro ou março do próximo ano. Será um valor de referência para o mês corrente e outro para mês seguinte.



O primeiro Conseleite do país foi criado no Paraná em 2003, e depois vieram os do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A ideia foi motivada por suspeitas constantes dos fazendeiros de que laticínios os exploravam, pagando preços aviltantes pela matéria prima. Para a instalação do Conseleite em Minas Gerais, duas dezenas de laticínios do Estado, com portes e produtos variados, já repassaram, sob condição de sigilo, seus números para o grupo de acadêmicos.

A ideia é que essa amostra reflita a realidade dos aproximadamente 800 laticínios mineiros. Nenhum laticínio estará obrigado a pagar aos criadores de gado leiteiro os valores apontados como referência. Mas Celso Costa Moreira, diretor executivo da entidade que representa a indústria em Minas, o Silemg, diz que certamente todos passarão a levar os números em conta e que serão preços que a indústria poderá suportar. De acordo com ele, o Conseleite terá um impacto na qualidade do produto mineiro. "Hoje muitos laticínios que não são tão exigentes pagam pelo leite com mais ou menos qualidade o mesmo valor", afirma Moreira. "Com o Conseleite, teremos o preço do leite padrão e o produtor com leite de melhor qualidade receberá um valor maior, e vice-versa." Ele aposta que isso será um estímulo decisivo para o aumento da qualidade de toda a cadeia leiteira em Minas Gerais. E que abrirá mais portas do mercado externo para derivados de leite do Estado. Minas Gerais produz ao ano cerca de 9 bilhões de litros de leite - quase um terço de toda a produção nacional. São 223 mil produtores. O faturamento anual dos laticínios é de R\$ 10,5 bilhões. O que tem servido de referência para os preços pagos aos produtores mineiros é o índice calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), da USP. O Cepea usa informações de cooperativas e laticínios. Mas produtores de Minas Gerais afirmam muitas vezes que o índice é insuficiente como fonte de referência.

Um dos objetivos do Conseleite em Minas é que produtores, cooperativas e laticínios passem a ter uma referência baseada em informações mais detalhadas do Estado e que todos referendam. "Acredito que os novos preços de referência no Conseleite serão acima dos preços que o Cepea tem publicado", diz Eduardo Pena, presidente da Câmara Técnica da Pecuária de Leite da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg). "Vamos poder cobrar preços melhores da indústria, mas vamos também que cumprir contrapartidas", afirma referindo-se à qualidade. Os acadêmicos que estão envolvidos na implementação do Conseleite mineiro são José Roberto Canziani e Vânia Guimarães - ambos professores do Departamento de Economia Rural da UFPR - e Fernando Curi Peres, professor aposentado da USP. Canziani disse ao Valor que avalia que no curto prazo, os novos preços de referência poderão fazer com que os milhares de pequenos produtores de Minas, que hoje não têm muita informação nem muitos argumentos para discutir com laticínio para o qual fornece, passem a receber um valor maior pelo seu leite. Para ele, nesse primeiro momento, a indústria talvez reduza um pouco o valor pago ao grande produtor - remunerando de forma mais equilibrada seus fornecedores. São ajustes na cadeia, mas que nada afetam o preço ao consumidor, afirma. No médio prazo o que se espera é que todo o setor de leite em Minas ganhe e que a produção possa aumentar", afirma o acadêmico.

**Veículo:** Jornal O Sul

**Link:** <http://www.osul.com.br/rar-recebe-premio-destaques-2018-do-sindilat/>

**Página:** Notícias

**Data:** 11/12/2018

## Rar recebe prêmio Destaques 2018 do Sindilat



*(Foto: Divulgação)*

© 11 de dezembro de 2018 Atividades Empresariais, CAD1, Capa – Caderno 1

A RAR, idealizada por Raul Anselmo Randon, está entre as empresas reconhecidas com o Prêmio Destaques 2018, concedido pelo Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat). A distinção leva em conta o pioneirismo na produção do queijo tipo grana – a RAR foi a primeira empresa a fabricar o produto fora da Itália – e a linha de queijos e lácteos, que conta com 120 itens. A cerimônia de premiação ocorre no dia 12 de dezembro, em Porto Alegre.

Sediada em Vacaria, nos Campos de Cima da Serra, a empresa, até então focada na fruticultura, iniciou a produção de queijos e lácteos em 1996. Atualmente possui as marcas Campos de Vacaria, RAR Gourmet e Gran Formaggio. A linha Campos de Vacaria é constituída de queijo ralado – 75% parmesão, + 25% grana, o que lhe confere um sabor intenso e inigualável. Já a RAR Gourmet foi “criada para atender aos paladares mais exigentes, sejam aqueles que encontram na culinária seu hobby ou aqueles que fazem dela profissão, como os chefs de cozinha”, conforme o diretor-superintendente da RAR, Sérgio Martins Barbosa. Dois produtos se distinguem no portfólio: a manteiga e o creme de leite. A linha também contém o queijo parmesão RAR Gourmet, nas versões peça inteira, fracionado e ralado.

## **PRIMEIRO QUEIJO TIPO GRANA FORA DA ITÁLIA**

O Gran Formaggio é o primeiro queijo tipo Grana produzido fora da Itália e segue toda a cultura clássica de fabricação. “Para atingir o ponto ideal de granulação e o sabor requintado que lhe é peculiar, o Gran Formaggio requer desde o leite de altíssima qualidade, vindo de rebanho próprio de vacas holandesas com cuidados especiais até um longo período de maturação”, explica Sérgio. São no mínimo, 12 meses, após um trabalho artesanal, que une antigos rituais a mais avançada tecnologia do setor

### **O PRÊMIO**

Consolidado na agenda de premiações do agronegócio gaúcho, o ‘Prêmio Destaques 2018’ promovido pelo Sindilat consagra os destaques no setor ao longo do ano. São pessoas reconhecidas pela atuação em prol do desenvolvimento do agronegócio gaúcho e brasileiro nas seguintes categorias: Agronegócio Nacional; Agronegócio Estadual; Liderança Política; Personalidade; Servidor Público; Setor Público; Inovação; Pesquisa; Responsabilidade Social e Industrial.

RAR

A RAR, de Raul Anselmo Randon, teve origem na fruticultura, com o cultivo da maçã na década de 1970. Hoje, é a terceira maior produtora e comercializadora da fruta no Brasil. Nos anos 1990, montou a primeira fábrica de queijo Tipo Grana fora da Itália lançando a marca Gran Formaggio. A RAR tem, em seu portfólio, linha de importados com queijos e acetos italianos, presuntos e salames italianos e espanhóis, e azeites de oliva chilenos. A linha de derivados é composta por creme de leite fresco, manteiga e queijo parmesão. A empresa, com sede em Vacaria (RS), ainda conta com linha de 12 rótulos entre vinhos e espumantes.

**Veículo:** MilkPoint

**Link:** <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/cooperativa-exporta-ha-oito-anos-mas-aponta-instabilidade-211694/>

**Página:** Giro de Notícias

**Data:** 12/12/2018



O alinhamento das variáveis de sanidade, preço e políticas públicas para o **setor leiteiro**, que estão sendo defendidas pela **CNA**, Aliança Láctea Sul Brasileira e **Sindilat/RS** e que visam dar competitividade aos produtos lácteos brasileiros, é esperado pelas empresas gaúchas que já exportam para o mercado internacional.

No Rio Grande do Sul, [a Lactalis, empresa de matriz francesa com plantas instaladas na região de Santa Rosa, iniciou suas operações de exportação a partir deste ano](#), com as primeiras cargas de **leite achocolatado, creme de leite e leite condensado** embarcadas para o Uruguai. Já a Cooperativa Central Gaúcha Ltda. (CCGL) exporta, desde 2010, **leite em pó, creme de leite e achocolatados** para países africanos, do Oriente Médio e da América do Sul.

De acordo com a diretora comercial da CCGL, Michele Muccillo Selbach, não há regularidade nos volumes embarcados para o exterior, o que leva as operações a serem realizadas pontualmente. "No ano de 2015, as exportações de leite em pó participaram em 24% do volume total de lácteos comercializado pela empresa, mas no ano seguinte, as exportações não foram viabilizadas. Em 2017, as vendas externas representaram em torno de 4% e neste ano estão por volta de 1%", exemplifica a diretora.

Michele diz que o 'carro chefe' das vendas da cooperativa para o exterior é o **leite em pó**, cujo volume diário processado na unidade de Cruz Alta chega a 2,2 milhões de litros em duas torres de secagem. "Os esforços em promover a exportação de produtos lácteos são essenciais para que se articule junto às empresas, entidades, órgãos governamentais e se construa um projeto para melhorarmos a competitividade frente aos concorrentes internacionais", salienta a diretora.

Segundo ela, em todas as fases de expansão da CCGL, a análise do mercado internacional foi prioridade. "Nossa unidade industrial (inaugurada em 2016) foi projetada com a finalidade de atender aos mercados mais exigentes em termos de qualidade e controle de processos", relata.

No quesito sanidade, a cooperativa executa um programa próprio de certificação da brucelose e da tuberculose, dividido em três fases e que já chega a 40% dos 4,2 mil produtores associados à cooperativa. "Esses produtores representam 80% do nosso rebanho fornecedor. Na fase atual, 50% dos animais testados já foram negativados para as duas doenças", garante Michele.

As informações são do Sindilat e do Correio do Povo, adaptadas pela Equipe MilkPoint.

**Veículo:** Página Rural

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/263664/secretario-de-agricultura-e-da-pesca-de-sc-palestra-sobre-o-mercado-lacteo-chines-e-a-importancia-da-alianca-lactea-sul-brasileira>

**Página:** Notícias

**Data:** 12/12/2018

**Eventos > Palestra**

## **RS: secretário de Agricultura e da Pesca de SC palestra sobre o mercado lácteo chinês e a importância da Aliança Láctea Sul Brasileira**

### **Porto Alegre/RS**

Ao longo desta quarta-feira (12) o Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Rio Grande do Sul (Sindilat/RS) promove a reunião anual dos associados. O Secretário de Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, Airton Spies, fará uma das palestras da tarde, sobre as perspectivas do mercado lácteo na China e a importância da Aliança Láctea Sul Brasileira (Alsb), formada pelos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em novembro deste ano Spies assumiu a coordenação da ALSB, criada com o objetivo de fortalecer a cadeia produtiva do leite e ampliar os mercados da região Sul. No mesmo mês, o Secretário fez uma visita empresarial a China para avaliar as possibilidades de exportação. O país asiático é o maior importador mundial de lácteos.

Conforme o Secretário, o Brasil tem condições de produzir o leite mais competitivo do mundo. "Os desafios são muito claros e passam por melhorias em tecnologia, sanidade dos rebanhos e organização logística da cadeia produtiva. Temos uma estratégia a médio e longo prazo e já temos excelentes exemplos a seguir, aqui mesmo no estado, para tornar o leite competitivo no mercado internacional. Temos que fazer com o leite o que já fizemos com cadeias produtivas consolidadas como suinocultura, avicultura e tabaco", afirma Spies.

A palestra será às 15h35min., na sala Juá do Hotel Plaza São Rafael, na Avenida Alberto Bins, 514, em Porto Alegre.

### **Leite na Região Sul**

Juntos, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul produziram 12,8 bilhões de litros de leite em 2017 – 38% da produção nacional. Até 2020, as expectativas são que de que a região Sul produza mais da metade do leite brasileiro.

O leite é a atividade agropecuária com o maior crescimento em Santa Catarina. Com o envolvimento de 45 mil produtores em todo o estado, a produção girou em torno de 3,4 bilhões de litros em 2017 – um incremento de 8% em relação a ano anterior. Os números consolidaram o estado catarinense como o quarto maior produtor de leite do país.



**Veículo:** Site Secretária da Agricultura de SC

**Link:** <http://www.agricultura.sc.gov.br/index.php/noticias/839-secretario-de-agricultura-e-da-pesca-palestra-sobre-o-mercado-lacteo-chines-e-a-importancia-da-alianca-lactea-sul-brasileira>

**Página:** Notícias

**Data:** 12/12/2018

---

## Secretário de Agricultura e da Pesca palestra sobre o mercado lácteo chinês e a importância da Aliança Láctea Sul Brasileira

 Publicado: 12 Dezembro 2018

Ao longo desta quarta-feira (12) o Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Rio Grande do Sul (SINDILAT/RS) promove a reunião anual dos associados. O Secretário de Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, Airton Spies, fará uma das palestras da tarde, sobre as perspectivas do mercado lácteo na China e a importância da Aliança Láctea Sul Brasileira (ALSB), formada pelos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em novembro deste ano Spies assumiu a coordenação da ALSB, criada com o objetivo de fortalecer a cadeia produtiva do leite e ampliar os mercados da região Sul. No mesmo mês, o Secretário fez uma visita empresarial a China para avaliar as possibilidades de exportação. O país asiático é o maior importador mundial de lácteos.

Conforme o Secretário, o Brasil tem condições de produzir o leite mais competitivo do mundo. “Os desafios são muito claros e passam por melhorias em tecnologia, sanidade dos rebanhos e organização logística da cadeia produtiva. Temos uma estratégia a médio e longo prazo e já temos excelentes exemplos a seguir, aqui mesmo no estado, para tornar o leite competitivo no mercado internacional. Temos que fazer com o leite o que já fizemos com cadeias produtivas consolidadas como suinocultura, avicultura e tabaco”, afirma Spies.

A palestra será às 15h35min., na sala Juá do Hotel Plaza São Rafael, na Avnida Alberto bins, 514, em Porto Alegre.

### Leite na Região Sul

Juntos, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul produziram 12,8 bilhões de litros de leite em 2017 – 38% da produção nacional. Até 2020, as expectativas são que de que a região Sul produza mais da metade do leite brasileiro.

O leite é a atividade agropecuária com o maior crescimento em Santa Catarina. Com o envolvimento de 45 mil produtores em todo o estado, a produção girou em torno de 3,4 bilhões de litros em 2017 – um incremento de 8% em relação a ano anterior. Os números consolidaram o estado catarinense como o quarto maior produtor de leite do país.

Informações adicionais:

Paulo Henrique Santhias

Assessoria de Imprensa

Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca

[imprensa@agricultura.sc.gov.br](mailto:imprensa@agricultura.sc.gov.br)

Fone: (48) 3664-4419/ (48) 98843-4996

Site: [www.agricultura.sc.gov.br](http://www.agricultura.sc.gov.br)

[www.facebook.com/AgriculturaePescaSC/](https://www.facebook.com/AgriculturaePescaSC/)

**Veículo:** Revista Press

**Link:** <http://revistapress.com.br/materia-sobre-o-leite-e-destaque-no-premio-sindilat-rs-de-jornalismo/>

**Página:** Notícias

**Data:** 13/12/2018

## Matéria sobre o leite é destaque no Prêmio Sindilat-RS de Jornalismo



A matéria Renda baixa com tarro cheio, publicada na Press Agrobusiness 11, em março de 2018, ficou com o segundo lugar em Jornalismo Impresso do Prêmio Sindilat-RS de Jornalismo deste ano. A cerimônia de premiação aconteceu nesta quarta-feira, durante jantar de fim de ano da entidade, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre.

O texto, do jornalista Cristiano Vieira, mostrou como produtores e indústria enfrentam os percalços do segmento leiteiro, atividade importante para o agronegócio mas que sofre com os altos custos de produção, o preço baixo e a concorrência com o leite importado. A aposta, no entanto, é de recuperação nos negócios em 2019 a partir do aumento do consumo das famílias.

**Veículo:** Jornal do Comércio

**Link:** [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/economia/2018/12/661433-sindilat-premia-destaques-do-setor-lacteo.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2018/12/661433-sindilat-premia-destaques-do-setor-lacteo.html)

**Página:** Economia

**Data:** 14/12/2018

**AGRONEGÓCIOS** Edição impressa de 14/12/2018. Alterada em 14/12 às 01h00min

### **Sindilat premia destaques do setor lácteo**

O Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat) entregou na noite de quarta-feira (12) o Prêmio Destaques 2018. A cerimônia ocorreu no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre.

A iniciativa consagra personalidades e empresas que se distinguiram ao longo do ano em prol do setor lácteo, dividida em 10 categorias. Neste ano, os homenageados foram: Agronegócio Nacional - Luiz Carlos Heinze; Agronegócio Estadual - Antonio Cettolin; Liderança Política - Onyx Lorenzoni; Personalidade - Roberto Tavares; Servidor Público - Karla Pivato; Setor Público - Bernardo Todeschini; Inovação - Lactalis do Brasil; Pesquisa - Tetra Pak; Responsabilidade Social - Colégio Teutônia; e Indústria - Rasip.



**Veículo:** O Informativo do Vale

**Link:** <http://www.informativo.com.br/geral/jornalista-de-o-informativo-do-vale-ganha-premio-estadual,288851.jhtml>

**Página:** Geral

**Data:** 13/12/2018

## Jornalista de O Informativo do Vale ganha prêmio estadual

Lidiane Mallmann recebeu o troféu das mãos do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra

 Rita de Cássia  Créditos: Rita de Cássia  Quinta-feira, 13 de Dezembro de 2018 20:15

 o informativo do vale  prêmios  lidiane mallmann  sindilat  fotografia



Foto premiada: matéria Setor primário tem prejuízo por conta da greve dos caminhoneiros, publicada em 9 de junho de 2018 - Rita de Cássia

**Porto Alegre** - Contar histórias e informar por meio das imagens vai muito além de clicar a máquina fotográfica. O trabalho do fotojornalista busca no detalhe do olhar, na riqueza do silêncio e no que as palavras muitas vezes não conseguem descrever, a melhor forma de registrar um momento. No jornal O Informativo do Vale, esta missão é da jornalista Lidiane Mallmann, que acaba de receber o troféu de segundo lugar no 4º Prêmio Sindilat de Jornalismo na categoria Fotografia, com a imagem da matéria Setor primário tem prejuízo por conta da greve dos caminhoneiros, publicada em 9 de junho de 2018. A cerimônia realizada na noite da última quarta-feira reuniu a imprensa do Rio Grande do Sul e convidados, no salão de eventos do Plaza São Rafael. O destaque é uma realização do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul, que busca valorizar o trabalho da imprensa que cobre o setor lácteo gaúcho. Na mesma categoria, também foram premiados, com o primeiro lugar a jornalista Alina Souza, do Correio do Povo, e 3º lugar para o jornalista Leandro Hamester, do Informativo Languiru.

Lidiane é formada em Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), com pós-graduação em Fotojornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona e concluiu este ano o mestrado em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

"Gostaria de agradecer a minha editora e aos meus colegas que respeitam meu trabalho. Estou muito feliz em representar, e assim fortalecer, o fotojornalismo. Eu que estudo fotografia há tanto tempo, tenho a honra de trabalhar em um jornal que, mesmo sendo do interior do Estado, sempre valorizou a qualidade das fotos publicadas, por isso, manteve em sua equipe um profissional especializado na área", afirma. Ainda, conforme Lidiane, o fotojornalismo requer observação e respeito. "O meu trabalho se dá no silêncio, na escuta, na atenção e sensibilidade, porque é mais do que fazer uma foto. É uma fotografia com informação. Essa é a diferença entre uma foto comum e o fotojornalismo - porque agrega notícia à imagem", explica.

### **Premiada**

A jornalista também já recebeu outros prêmios como o 2º lugar no 4º Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental, com a imagem Silêncio para ouvir os pássaros, publicada no Caderno Meio Ambiente na Escola de O Informativo do Vale. Já no 3º Prêmio Sindilat de Jornalismo, no ao passado, a profissional ficou em 1º lugar com a foto Produtores querem a volta do preço fixo para o leite. E, no 34ª Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, a foto Superlotação no Presídio lhe rendeu menção honrosa.

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/noticias/canal-rural-ganha-premio-de-jornalismo-no-rio-grande-do-sul/>

**Página:** Notícias

**Data:** 13/12/2018

IMPrensa

## Canal Rural ganha prêmio de jornalismo no Rio Grande do Sul

Promovido pelo Sindilat, evento premiou reportagem sobre o crescimento da liderança feminina no campo

13 de dezembro de 2018 às 12:46  
Por Canal Rural



Rossano Alves e Bruna Essig

A reportagem intitulada **“Censo Agropecuário: há cada vez mais mulheres na produção rural”** exibida no site e nos telejornais da emissora ficou com a segunda colocação na categoria eletrônico do Prêmio Sindilat de Jornalismo. A matéria, feita pela repórter Bruna Essig com imagens do cinegrafista Rossano Alves, falou sobre o crescimento da liderança feminina nas atividades rurais em todo país.

A reportagem se baseou em dados do último Censo Agropecuário, divulgado pelo IBGE, e ouviu agricultoras e lideranças do setor no Rio Grande do Sul.

O prêmio é promovido pelo Sindicato da Indústria de Laticínios e produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat) e reconhece reportagens que valorizam o segmento. O reconhecimento foi feito aos profissionais da imprensa em um jantar no hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre.

**3 passos fáceis**

1. Clique no botão "Iniciar"
2. Download em nosso site
3. Desfrutar

É o segundo ano em que a emissora recebe o reconhecimento nesta mesma categoria e premiação promovida pelo Sindilat. Além de eletrônico, também foram premiados os trabalhos nas categorias online, impresso e fotografia.

**Veículo:** CRMV-RS

**Link:** [http://www.crmvrs.gov.br/noticias/noticia\\_detalhada.php?id\\_noticias=440](http://www.crmvrs.gov.br/noticias/noticia_detalhada.php?id_noticias=440)

**Página:** Notícias

**Data:** 13/12/2018



### **Prêmio Destaques 2018 do Sindilat reconhece trabalho de profissionais da Medicina Veterinária**

13-12-2018

Consolidado na agenda de premiações do agronegócio gaúcho, o 'Prêmio Destaques 2018' promovido pelo Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) consagra as personalidades que mais se destacaram no setor ao longo do ano. São pessoas reconhecidas pela atuação em prol do desenvolvimento do agronegócio gaúcho e brasileiro. As distinções, entregues em cerimônia nesta quarta-feira, dia 12 de dezembro, reconheceu o trabalho dos médicos veterinários Onyx Lorenzoni, futuro ministro da Casa Civil, na categoria liderança política, Karla Oliz, na categoria servidor público, e Bernardo Todeschini (Ministério da Agricultura), na categoria setor público. "O prêmio, além de reconhecer o talento desses profissionais, reforça a importância do trabalho do médico veterinário e seu papel junto à sociedade", destaca a presidente do

Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio Grande do Sul (CRMV-RS), Lisandra Dornelles, que participou da cerimônia de premiação juntamente com a secretária-geral do CRMV-RS, Marianne Lamberts, e do conselheiro Roberto Francisco Lucena.

Para o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, os nomes escolhidos representam com maestria o setor do agronegócio brasileiro "É um reconhecimento para os profissionais e empresas da área que, através do seu campo de atuação, fomentam iniciativas para ampliar o desenvolvimento do campo", ressalta.

Karla graduou-se em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas. É mestrandista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua há 12 anos e meio como fiscal agropecuária na Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária e Irrigação (Seapi). No setor lácteo, desempenha importante papel. Integrou o grupo técnico da concepção da Lei do Leite (Lei nº 14835/16), que instituiu o Programa de Qualidade na Produção, Transporte e Comercialização de Leite no Estado. Comanda a seção técnica de leite e derivados, ovos e mel, com atribuições referentes à inspeção e à fiscalização dos estabelecimentos registrados da Seapi e é coordenadora técnica da Câmara Setorial do Leite.

Todeschini é superintendente do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) no Rio Grande do Sul e auditor fiscal federal agropecuário da mesma pasta. Formado em Medicina Veterinária pela UFRGS, direcionou seus estudos acadêmicos ao agronegócio, tornando-se mestre em Medicina Veterinária Preventiva. Atuou como pesquisador convidado na Universidade de New England, Austrália, onde participou de estudos na área de alianças estratégicas em saúde animal. Também foi pesquisador convidado na área de regulamentação internacional de produtos de origem animal na Universidade de Aarhus, Dinamarca. Trabalhou por três anos na sede da Organização Internacional de Saúde Animal (OIE), em Paris, no departamento técnico científico. Em junho de 2018, ingressou como membro da OIE.

Confira a lista dos Destaques 2018:

Agronegócio Nacional: Luis Carlos Heinze

Agronegócio Estadual: Antonio Cettolin

Liderança Política: Onyx Lorenzoni

Personalidade: Roberto Tavares

Servidor Público: Karla Oliz

Setor Público: Bernardo Todeschini (Ministério da Agricultura)

Inovação: Lactalis

Pesquisa: Tetra Pak

Responsabilidade Social: Colégio Teutônia

Industrial: Rasip

Assessoria de Comunicação do CRMV-RS com informações da Jardine Agência de Comunicação/Sindilat

Na foto, da esquerda para direita: Marianne, Karla, Lisandra e Lucena.

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/rural-noticias/brasil-importou-quase-o-dobro-de-leite-em-novembro-diz-fetag-rs/>

**Página:** Informação

**Data:** 14/12/2018

EM MEIO À CRISE

## Brasil importou quase o dobro de leite em novembro, diz Fetag-RS

Futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina prometeu que suspenderá as compras do Mercosul; setor pensa em soluções paliativas neste meio tempo

14 de dezembro de 2018 às 20:16  
Por Bruna Essig, de Porto Alegre (RS)



Foto: Semagro/MS

A importação de lácteos quase dobrou nos meses de outubro e novembro deste ano quando comparados ao mesmo período de 2017, aponta levantamento da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS). A entidade questiona a demanda, garantindo que há produto disponível no mercado interno.

A indústria, por sua vez, alega que as compras são feitas com base no preço mais atrativo. “Nós nos deparamos com essa situação: como fazemos para continuar vendendo sendo que o produto nosso interno para produzir esse pó é mais alto?”, questiona o diretor executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat), Darlan Palharini.



**LANÇAMENTO Premier**  
Seleção Natural

Frango Korin  
com Batata Doce

SATISFAÇÃO 110%  
QUELÉU DINHEIRO DE VOLTA

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS

Após a futura ministra da Agricultura, **Tereza Cristina**, prometer que vai **suspender a importação de leite do Mercosul**, entidades e produtores se reuniram para pensar em ações que podem salvar o setor de uma das piores crises da história.



**Veículo:** Site Rádio Guaíba

**Link:** <https://guaiba.com.br/2018/12/14/reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo/>

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018

# Reunião anual do Sindilat debate perspectivas do setor lácteo

Publicado por **Lucas Rivas** - 14/12/2018 - 19:18 e atualizado em 14/12/2018 - 19:18

 Facebook

 Twitter

 Google+

 WhatsApp

 Messenger



O Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat) promoveu, quarta-feira, a reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos. O ciclo de palestras, realizado da Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.



As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. “Mais do que um produto com bom sabor, os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional” afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos – estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo – tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato.

Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos iogurtes ambientes – que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro – estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvidos pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite. Para Martins, as empresas que investirem em tecnologia ditarão o ritmo do mercado. Pensar novas maneiras da produção de leite é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto Ideas for Milk, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O consumo de leite UHT no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV). Ele espera que, em 2019, o setor cresça 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. "É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

### **Exportação será pauta prioritária em 2019**

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela exportação de lácteos, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a indústria do leite em 2019. De acordo com ele, um dos principais gargalos para da exportação é o preço das commodities. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de leite em pó "Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator dificulta negociações com outros países", lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. "De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%", destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. Nesse ano, Spies foi ao gigante da Ásia para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado “As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora”, afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e as projeções para 2019.

**Veículo:** Agrolink

**Link:** [https://www.agrolink.com.br/noticias/reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo\\_414119.html](https://www.agrolink.com.br/noticias/reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo_414119.html)

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018



Setor lácteo

## Reunião anual do Sindilat debate perspectivas do setor lácteo

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva

Imagem créditos: Embrapa Gado de Leite

Por: AGROLINK COM INF. DE ASSESSORIA  
Publicado em 14/12/2018 às 14:27h.

O Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat) promoveu, quarta-feira (07/12), a reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos. O ciclo de palestras, realizado na Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.

As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. "Mais do que um produto com bom sabor, os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional" afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos – estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo – tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato.

Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos iogurtes ambientes – que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro – estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvidos pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite. Para Martins, as empresas que investirem em tecnologia ditarão o ritmo do mercado. Pensar novas maneiras da produção de leite é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto Ideas for Milk, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O consumo de leite UHT no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV). Ele espera que, em 2019, o setor cresça 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. “É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

#### Exportação será pauta prioritária em 2019

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela exportação de lácteos, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a indústria do leite em 2019. De acordo com ele, um dos principais gargalos para a exportação é o preço das commodities. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de leite em pó “Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator dificulta negociações com outros países”, lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. “De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%”, destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. Nesse ano, Spies foi ao gigante da Ásia para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado “As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora”, afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e os projeções para 2019.

**Veículo:** MilkPoint

**Link:** <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo-211729/>

**Página:** Giro de Notícias

**Data:** 14/12/2018



O **Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat)** promoveu, na quarta-feira (07/12), a **reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos**. O ciclo de palestras, realizado na Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.

As **mudanças no perfil do consumidor** e as **tendências mercadológicas para 2019** foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. "Mais do que um produto com bom sabor, os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional" afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos - estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo - tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato.

Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos **iogurtes ambientes** - que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro - estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvidos pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite.

Para Martins, as empresas que investirem em **tecnologia** ditarão o ritmo do mercado. Pensar **novas maneiras da produção de leite** é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto **Ideas for Milk**, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O consumo de **leite UHT** no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV). Em 2017, o **setor lácteo cresceu 2,8%** e a previsão para 2018 é de crescimento zero. "A produção de leite está perto da estagnação. No caso do UHT, podemos até recuar a produção", destacou. Para 2019, estima-se que o setor expanda 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. "É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

### **Exportação será pauta prioritária em 2019**

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela **exportação de lácteos**, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a **indústria do leite em 2019**. De acordo com ele, um dos principais gargalos para a exportação de commodities é a balança comercial. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de **leite em pó**. "Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator impossibilita as negociações com outros países", lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. "De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%", destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airtton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. "Os consumidores chineses desejam produtos com qualidade e leite longa vida mais barato do que o comercializado pela Nova Zelândia."

Nesse ano, Spies foi à China para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado. "As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora", afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento **possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e os projeções para 2019.**

As informações são da Assessoria de Imprensa Sindilat.



**Veículo:** Guialat

**Link:** [https://guialat.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=4093](https://guialat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=4093)

**Página:** Cadeia do Leite

**Data:** 14/12/2018

## Reunião anual do Sindilat debate perspectivas do setor lácteo

*14/12/2018 10:00:50 - Por: Assessoria de Imprensa Sindilat. Foto: Carolina Jardine*

As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak.



O Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat) promoveu, nessa quarta-feira (07/12), a reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos. O ciclo de palestras, realizado da Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.

As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. "Mais do que um

produto com bom sabor, os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional" afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos - estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo - tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato.

Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos iogurtes ambientes - que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro - estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvido pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite. Para Martins, as empresas que investirem em tecnologia ditarão o ritmo do mercado. Pensar novas maneiras da produção de leite é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto Ideas for Milk, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O consumo de leite UHT no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV). Em 2017, o setor lácteo cresceu 2,8% e a previsão para 2018 é de crescimento zero. "A produção de leite está perto da estagnação. No caso do UHT, podemos até recuar a produção", destacou. Para 2019, estima-se que o setor expanda 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. "É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

### **Exportação será pauta prioritária em 2019**

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela exportação de lácteos, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a indústria do leite em 2019. De acordo com ele, um dos principais gargalos para a exportação de commodities é a balança comercial. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de leite em pó "Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator impossibilita as negociações com outros países", lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. "De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%", destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. "Os consumidores chineses desejam produtos com qualidade e leite longa vida mais barato do que o comercializado pela Nova Zelândia." Nesse ano, Spies foi à China para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado "As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora", afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e os projeções para 2019.

**Veículo:** Página Rural

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/263766/reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo>

**Página:** Eventos

**Data:** 14/12/2018

**Eventos > Reunião**

## RS: reunião anual do Sindilat debate perspectivas do setor lácteo

### Porto Alegre/RS

O Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat) promoveu, quarta-feira (07), a reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos. O ciclo de palestras, realizado na Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.

As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. "Mais do que um produto com bom sabor, os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional" afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos – estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo – tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato.

Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos iogurtes ambientes – que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro – estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvido pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite.

Para Martins, as empresas que investirem em tecnologia ditarão o ritmo do mercado. Pensar novas maneiras da produção de leite é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto Ideas for Milk, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufgrs).

O consumo de leite UHT no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (Ablv). Ele espera que, em 2019, o setor cresça 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

### Imagens



Foto: Carolina Jardine / Sindilat

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. "É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

#### **Exportação será pauta prioritária em 2019**

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela exportação de lácteos, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a indústria do leite em 2019. De acordo com ele, um dos principais gargalos para a exportação é o preço das commodities. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de leite em pó "Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator dificulta negociações com outros países", lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. "De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%", destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. Nesse ano, Spies foi ao gigante da Ásia para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado "As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora", afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e os projeções para 2019.

**Fonte:** Sindilat/RS

**Veículo:** Terra Viva

**Link:** [http://www.terraviva.com.br/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=20395:reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo&Itemid=373](http://www.terraviva.com.br/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=20395:reuniao-anual-do-sindilat-debate-perspectivas-do-setor-lacteo&Itemid=373)

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018

Sexta, 14 Dezembro 2018 15:48

## Reunião anual do Sindilat debate perspectivas do setor lácteo



**Mercado lácteo - O Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat) promoveu, quarta-feira (07/12), a reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos. O ciclo de palestras, realizado na Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.**

As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. "Mais do que um produto com bom sabor, os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional" afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos – estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo – tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato. Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos iogurtes ambientes – que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro – estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvido pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite. Para Martins, as empresas que investirem em tecnologia ditarão o ritmo do mercado. Pensar novas maneiras da produção de leite é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto Ideas for Milk, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O consumo de leite UHT no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV). Ele espera que, em 2019, o setor cresça 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. "É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

## Exportação será pauta prioritária em 2019

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela exportação de lácteos, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a indústria do leite em 2019. De acordo com ele, um dos principais gargalos para a exportação é o preço das commodities. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de leite em pó "Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator dificulta negociações com outros países", lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. "De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%", destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. Nesse ano, Spies foi ao gigante da Ásia para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado "As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora", afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e os projeções para 2019.

**Veículo:** Notícias Agrícolas

**Link:** [https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/leite/226940-sindilat-exportacao-sera-pauta-prioritaria-em-2019.html#.XBd\\_eNJKjcc](https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/leite/226940-sindilat-exportacao-sera-pauta-prioritaria-em-2019.html#.XBd_eNJKjcc)

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018

## Sindilat: Exportação será pauta prioritária em 2019

Publicado em 14/12/2018 15:27



O Sindicato da Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul (Sindilat) promoveu, quarta-feira (07/12), a reunião anual de análises e projeções para o mercado de lácteos. O ciclo de palestras, realizado da Sala Juá, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, contou com a presença de representantes de entidades ligadas ao setor.

As mudanças no perfil do consumidor e as tendências mercadológicas para 2019 foram os assuntos centrais da palestra de Luís Eduardo Ramirez, representante da empresa Tetra Pak. Responsável pela abertura do evento, Ramirez destacou que a ampliação do acesso à internet no Brasil aproximou os consumidores das marcas, instigando as empresas a transformar a sua forma de se comunicar com o cliente. "Mais do que um produto com bom sabor,

os consumidores desejam uma experiência. É preciso desenvolver um vínculo emocional" afirmou.

De acordo com os dados apresentados por ele, para 2019, a expectativa no mercado brasileiro é positiva. Estima-se que 97% das indústrias brasileiras devam investir no próximo ano, 60% lançarão novos produtos e 69% irão ampliar suas vendas. Entretanto, essas empresas só chegarão próximo ao consumidor se houver o entendimento de que a sociedade está cada vez mais multicanal. Outra novidade é que os atacarejos – estabelecimentos que mesclam suas vendas em atacado e varejo – tendem a crescer cada vez no gosto dos consumidores, já que os clientes estão prezando pelo preço mais barato.

Quanto às novidades específicas para o setor lácteo, Ramirez destacou o interesse global pelos iogurtes ambientes – que ainda não estão inseridos no mercado brasileiro – estima-se que, puxado pelo mercado chinês, o consumo desses produtos (que não precisam ser refrigerados) cresça 5% até 2020.

O Chefe Geral da Embrapa Gado do Leite, Paulo Martins, apresentou os trabalhos desenvolvidos pelo centro de pesquisa. Com sede em Juiz de Fora (MG), a Embrapa Gado do Leite possui um corpo técnico formado por 597 pessoas, sendo 78 pesquisadores e 76 analistas, onde são desenvolvidos projetos, artigos e soluções tecnológicas relacionadas ao setor, entre eles, o aplicativo GisleiteApp, pensado para auxiliar os produtores na gestão zootécnica e econômica de sistemas de produção de leite. Para Martins, as empresas que investirem em tecnologia ditarão o ritmo do mercado. Pensar novas maneiras da produção de leite é uma marca do Centro de Pesquisa que, nesse ano, desenvolveu a 3ª edição do projeto Ideas for Milk, evento que contou com a presença do presidente do Sindilat, Alexandre Guerra e do secretário-executivo, Darlan Palharini. O Ideas foi realizado na sede da instituição e consiste em dois grandes eventos: Vacathon e Desafio das Startups que visam fomentar soluções tecnológicas na cadeia produtiva.

De acordo com Martins, a Embrapa Gado do Leite está estudando a possibilidade de realizar uma edição do evento no Rio Grande do Sul, se adequando às características locais. No Estado, a Embrapa Gado do Leite conta com a parceria de diversas instituições, incluindo a Embrapa Clima Temperado, a Cooperativa Santa Clara e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O consumo de leite UHT no mercado brasileiro foi o assunto abordado por Nilson Muniz, da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV). Ele espera que, em 2019, o setor cresça 2,5%. Para Muniz, os principais desafios das indústrias é manter o consumo do produto, proteger a reputação do leite em relação às fake news, evitar a banalização das inovações e buscar rentabilidade.

De acordo com o secretário-executivo Darlan Palharini, o setor lácteo está em um momento de maturidade. “É, sendo indispensável abordar de maneira mais específica pautas gerais do mercado, tendo em vista que, produtores, indústrias e entidades formam uma grande rede mercadológica.

Exportação será pauta prioritária em 2019

A palestra comandada por Marcelo Martins, diretor-executivo da Viva Lácteos, foi encabeçada pela exportação de lácteos, que ganhou força ao longo de 2018 e deve pautar a indústria do leite em 2019. De acordo com ele, um dos principais gargalos para da exportação é o preço das commodities. Para exemplificar, o executivo analisou o caso das exportações de leite em pó “Existe demanda para o produto, entretanto, o preço é descolado do mercado externo. Esse fator dificulta negociações com outros países”, lamentou. Por outro lado, o queijo segue sendo o destaque no exterior. “De 2015 a 2017 as exportações do produto cresceram 42%”, destacou.

A Viva Lácteos desenvolve um projeto de exportação em parceria com a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura (Mapa). O plano estratégico para a exportação é composto por cinco fatores: acesso ao mercado, promoção às exportações, inteligência comercial e qualificação. De acordo com Martins, as 12 empresas que integram o grupo eram responsáveis por 14,6% da exportação de produtos lácteos. Atualmente representam 50% dessa fatia.

Quanto ao mercado interno, Martins destacou a necessidade de ampliar a demanda de produtos lácteos sempre atento aos marcos regulatórios do leite e derivados. Entre os fatores que precisam ser observados pelas indústrias estão níveis de processamento dos alimentos, rotulagem nutricional das embalagens, redução de açúcar, sódio e gorduras em alimentos industrializados e restrição à publicidade e propaganda.

A inserção no mercado externo voltou a ser debatida pelo secretário de Agricultura de Santa Catarina e presidente da Aliança Láctea Sul Brasileira, Airton Spies, que abordou especificamente o ingresso das indústrias brasileiras no mercado lácteo da China. Nesse ano, Spies foi ao gigante da Ásia para analisar as possibilidades de entrada naquele mercado “As indústrias brasileiras ainda não estão preparadas para inserção nesse mercado, por isso, é preciso instalar nas empresas uma cultura exportadora”, afirmou. Além disso, Spies também explicou as atividades realizadas pela Aliança Láctea durante o ano de 2018. O grupo foi criado com o intuito de fortalecer a produção nos três estados do Sul. Atualmente, a região produz 40,1% do leite brasileiro, mas, até 2025, estima-se que o Sul produzirá 50%.

Rafael Borin, do escritório Rafael Pandolfo Advogados Associados, comandou a última palestra do evento que abordou questões jurídicas relacionadas ao tabelamento de frete, medida adotada pelo governo Federal após a greve dos caminhoneiros. No final do evento, o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e os palestrantes compuseram uma mesa redonda para alinhar pontos comentados durante os painéis. Para Guerra, o evento possibilitou a avaliação de gargalos de 2018 e os projeções para 2019.

Fonte: Sindilat



**Veículo:** EdairyNews

**Link:** <https://edairynews.com/br/tereza-cristina-promete-suspender-importacao-de-leite-do-mercosul-59657/>

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018

Brasil | 14 diciembre, 2018

## LEITE | TEREZA CRISTINA PROMETE SUSPENDER IMPORTAÇÃO DE LEITE DO MERCOSUL



Produtores do sul do país pediram ações da próxima ministra da Agricultura para conter a crise no setor



A futura ministra da Agricultura, a deputada Teresa Cristina, recebeu nesta quinta-feira, dia 13, representantes da agricultura familiar. A construção de uma agenda para o setor, que a partir do ano que vem vai ser administrado pelo Ministério da Agricultura, foi a pauta de destaque. As federações de trabalhadores rurais do sul do país também pediram à futura ministra ações do governo ainda este ano para conter a crise no setor leiteiro. Dentre as demandas das entidades está a suspensão das importações de leite do Mercosul.

**Veículo:** Site Rádio Progresso

**Link:** <https://www.radioprogresso.com.br/fetag-e-entidades-solicitam-que-governo-federal-tome-atitudes-em-funcao-da-crise-do-leite/>

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018

## Fetag e entidades solicitam que governo federal tome atitudes em função da crise do leite



O baixo preço pago ao produtor de leite, que sequer cobre o custo de produção, motivou a FETAG, através de sua Comissão Estadual do Leite, a chamar hoje (14) diversas entidades ligadas à cadeia produtiva e autoridades para encontrar saídas à crise leiteira, entre elas os secretários Odacir Klein e Tarcísio Minetto, respectivamente da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Tem produtor de leite em Tupanciretã recebendo R\$ 0,80 e na maioria do Estado o valor fica na faixa de R\$ 1,00. Embora seja difícil generalizar, o custo para produzir um litro de leite está acima deste patamar.

Uma nota conjunta aprovada pelos participantes pede ao governo federal a compra pública de 30.000 toneladas de leite em pó do Rio Grande do Sul, a imediata suspensão da importação de produtos lácteos de outros países para a discussão de cotas e o rebate de 30% para a amortização das parcelas dos custos e investimentos no qual a produção de leite seja a atividade indicada para o pagamento.

O presidente da FETAG, Carlos Joel da Silva, enfatizou que a crise atual é agravada pelo fato de que há alguns anos o setor já vem enfrentando. "Agora, ela chega ainda com mais força, pois o custo de produção é mais alto", justificou. Pedrinho Signori, secretário-geral da FETAG, fez questão de pedir a diversas lideranças, de diferentes regiões do Estado, que se manifestassem e revelassem o sentimento das bases.

A primeira manifestação foi de Nelson Della Valli, presidente do STR de Santa Rosa, afirmando que os produtores da Grande Santa Rosa estão recebendo das indústrias menos de R\$ 1,00 pelo litro. Já Renato Goerck, presidente do STR de Santa Cruz do Sul, lembrou que embora o carro-chefe na região seja fumo, a cadeia do leite também está inserida na economia local. Em 2017, havia 325 produtores de leite e de lá para cá mais de 100 já desistiram. Em agosto eles receberam pelo litro R\$ 1,35 e em novembro caiu para R\$ 1.03. "Essas pessoas têm toda uma estrutura montada e precisam de saídas. Se continuar neste ritmo, inclusive sem saber o que ganharão em dezembro, certamente, a desistência vai aumentar", garantiu.

Márcio Langer, presidente do STR de Roque Gonzales, revelou que uma grande aflição será a perspectiva pós-dezembro, uma vez que o produtor terá muitas dificuldades para fechar as contas.

## **NOTA CONJUNTA PELA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE DO RIO GRANDE DO SUL**

*De acordo com os dados do Relatório Socioeconômico da Cadeia Produtiva do Leite no Rio Grande do Sul (Emater, 2017) dos 497 municípios do Estado, em 465 há produção de leite, vinculada à 153 indústrias com sistema de inspeção municipal (SIM), 37 indústrias com sistema de inspeção estadual (CISPOA) e 35 indústrias com sistema de inspeção federal (SIF).*

*Neste conjunto de municípios estão presentes 65.202 agricultores que produzem para tal finalidade (captação da indústria), sendo que a média de área destas propriedades rurais é de 19,1 hectares, o que demonstra que a produção de leite no RS é predominantemente desenvolvida em pequenas e médias propriedades de economia familiar.*

*Através de investimentos em infraestrutura, assistência técnica e manejo adequado, foram produzidos 4,5 bilhões de litros de leite no RS no último ano (IBGE/PPM, 2017), segunda maior produção nacional, o que representa uma importância econômica para o Estado de R\$4,6 bilhões/ano e para os municípios de R\$9,2 milhões/ano.*

*Considerando a importância que a cadeia produtiva do leite tem para o Rio Grande do Sul, é importante registrar as dificuldades que a mesma está passando no último período, sendo que por 05 meses consecutivos o preço pago ao produtor acumula uma queda de aproximadamente 30%, não sendo mais suficiente para cobrir os custos de produção. Da mesma forma, a indústria encontra dificuldade em comercializar os produtos lácteos acumulando prejuízos mês após mês.*

*Estes fatos ainda estão se agravando com a chegada do verão, das férias escolares e a consequente queda no consumo de leite e com a pressão no mercado exercida pela importação de produtos lácteos de outros países, que no mês de outubro chegou a um patamar de 18.699 toneladas e novembro de 17.918 toneladas.*

*Deste modo, as entidades e organizações que subscrevem este documento, compreendem que mais uma crise na cadeia produtiva do leite é motivo para impulsionar o êxodo e a pobreza rural e mais indústrias, cooperativas e agroindústrias decretar estado de falência. Nesse sentido é necessário que de imediato se tomem as medidas a seguir:*

*Que o Governo Federal efetue a compra pública de 30.000 toneladas de leite em pó do Rio Grande do Sul;*

*Recursos para o escoamento da produção de leite via PEP e PEPRO;*

*A imediata suspensão da importação de produtos lácteos de outros países para a discussão de cotas;*

*Rebate de 30% para a amortização das parcelas dos custeios e investimentos onde a produção de leite seja a atividade indicada para o pagamento.*

*Porto Alegre, 14 de dezembro de 2018*

**Veículo:** Terra

**Link:** [https://www.terra.com.br/noticias/dino/preco-do-leite-ao-produtor-cai-544-em-novembro-no-rs\\_3ab0eab8e4a693894c0d5b8b95241783m6i9orfh.html](https://www.terra.com.br/noticias/dino/preco-do-leite-ao-produtor-cai-544-em-novembro-no-rs_3ab0eab8e4a693894c0d5b8b95241783m6i9orfh.html)

**Página:** Notícias

**Data:** 14/12/2018

DINO

## Preço do leite ao produtor cai 5,44 % em novembro no RS

📅 14 DEZ 2018 ⌚ 10h55 atualizado às 11h34

**S**egundo dados divulgados pelo Conseleite, no dia 2 de novembro, a média do valor do leite no Rio Grande do Sul estava em R\$1,092 sem o frete. O produto teve queda de 5,44% em comparação com o custo firmado no mês de outubro que foi de R\$1,154.

De acordo com Eduardo Finamore, professor da Universidade de Passo Fundo, essa diminuição exprime a baixa dos preços de inúmeros derivados, sobretudo do leite condensado, -11,8%, e do leite UHT, -9,6%. Já o leite em pó teve redução de 0,3, razão que não permitiu que a baixa fosse maior.

Segundo Eduardo, os valores nominativos alcançados nesse ano de 2018 para os importantes produtos do mix (leite UHT, leite em pó, requeijão, queijo prato e iogurte) são os que mais confrontam valores desde o ano de 2016. Levando em consideração a correção da inflação, o valor de referência no acumulado de 2018 encontra-se em 14,3%, resultado maior do que o alcançado em 2017 no mesmo período.

O presidente da Conseleite, Pedrinho Signori ressalta que os produtores estão prevendo uma queda maior do que os números previstos pela instituição. De acordo ainda com Signori, essa insegurança não reflete de forma positiva para os produtores e indústrias. A preocupação é: como eles poderão fazer investimentos para motivar o jovem no campo?

Portanto, Alexandre Guerra, presidente do Sindicato da Indústria e Produtos Derivados (Sindilat), afirma ser necessário, antes de tudo, ter o entendimento de que as indústrias estão sob pressão do varejo, além dos preços estarem todos em baixa.

O ERP e seus grandes benefícios para as indústrias

O uso das soluções com ERPs estão se tornando cada vez mais comum no dia a dia das indústrias, independente de porte ou segmento.

O ERP é um software que unifica o sistema de uma indústria permitindo tornar mais rápido o fluxo de trabalho, facilitando o compartilhamento de informações entre as diferentes áreas sem que as pessoas saiam de seus setores.

O sistema ERP guarda todos os dados em uma única plataforma. Isso é possível porque o software possui diversos módulos que foram projetados exatamente para controlar cada setor existente dentro de uma indústria, lembrando que estão interligados entre si.

Ao armazenar os dados de sua indústria em um único local, torna-se mais fácil buscar informações para análise, principalmente quando a intenção é criar relatórios, pois, com o ERP nesse controle, é possível consultar todas as informações precisas.

Além disso, o gestor passa a ter uma visão maior de como a sua indústria está se desenvolvendo, dessa forma, fica mais prático criar estratégias e melhorias nos processos de transação de negócios, diminuir custos e aumentar a produtividade e os lucros.

Se o software de sua indústria não está funcionando da forma

A Magistech é uma empresa especializada na implantação de sistema de gestão e conta com as mais diferentes soluções tecnológicas, todas produzidas com a mais alta tecnologia, assim como o sistema para laticínios. Entre no site da empresa e saiba mais.

**Veículo:** GuiaLat

**Link:** [https://guialat.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=4100](https://guialat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=4100)

**Página:** Cadeia do Leite

**Data:** 17/12/2018

## Sindilat participa de reunião da Comissão Estadual do Leite

17/12/2018 09:11:44 - Por: Sindilat

O grupo foi criado pela entidade e reúne produtores, indústria e setor público para discutir medidas e alternativas para sanar as dificuldades dos produtores de leite no RS.



O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) participou, na manhã desta sexta-feira (14/12), de reunião do Conselho Estadual do Leite, realizada na sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag) em Porto Alegre. O grupo foi criado pela entidade e reúne produtores, indústria e setor público para discutir medidas e alternativas para sanar as dificuldades dos produtores de leite no Rio Grande Sul.

Em documento a ser enviado ao Ministério da Agricultura, as entidades pontuaram medidas consideradas emergenciais para atender à principal demanda dos produtores gaúchos: o preço do leite. "O sofrimento é de todos, não existe produtor forte se a indústria não estiver forte", salientou o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini. Ele reiterou o compromisso da indústria com os produtores e defendeu a necessidade de manter a mobilização em prol de preços melhores durante o ano todo. Também apontou a necessidade de criar uma agenda que discuta amplamente o assunto e busque alternativas para os momentos de excesso de oferta, como a inclusão do leite em pó, queijos e leite UHT nos leilões de Prêmio de Escoamento da Produção (PEP).

A primeira demanda pontuada no documento pede que o Governo Federal efetue a compra pública de 30 mil toneladas de leite em pó do Rio Grande do Sul. A segunda solicita imediata suspensão da importação de produtos lácteos de outros países para a discussão das políticas de cotas. E a terceira requer um rebate de 30% nas parcelas dos custeios e investimentos da atividade leiteira. O secretário de Agricultura do Estado, Odacir Klein comprometeu-se, diante dos mais de cem produtores presentes no evento, em auxiliar nas negociações junto com Governo Federal para viabilizar a compra dos produtos.

**Veículo:** Rádio Guaíba

**Link:** <https://guaiba.com.br/2018/12/18/leite-termina-2018-em-queda-mas-acima-do-padrao-de-2017/>

**Página:** Notícias

**Data:** 18/12/2018

## Leite termina 2018 em queda, mas acima do padrão de 2017

Publicado por **Lucas Rivas** - 18/12/2018 - 12:44 e atualizado em 18/12/2018 - 12:44



Foto: Guilherme Testa / CP Memória

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017. Segundo dados divulgados nesta terça-feira pelo Conseleite, houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006.

Contudo, se considerarmos a inflação (IPCA), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258). "O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria", constata o professor UPF Eduardo Finamore, responsável pela pesquisa. Otimista, ele acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. "O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços", indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final deste 2018, a previsão do Conseleite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.



Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. “De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49% e o leite em pó, 6,25%”, acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conceleite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de recente compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina Costa Dias, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul no Brasil. “Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade”. O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. “Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado”, salientou.

**Veículo:** Jornal do Comércio

**Link:** [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/economia/2018/12/662036-preco-do-leite-termina-2018-com-alta-ante-2017.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2018/12/662036-preco-do-leite-termina-2018-com-alta-ante-2017.html)

**Página:** Economia

**Data:** 19/12/2018

**AGRONEGÓCIOS** Edição impressa de 19/12/2018. Alterada em 19/12 às 01h00min

## Preço do leite termina 2018 com alta ante 2017



Descontada a inflação do período, aumento no valor alcançou 11,42%

### Descontada a inflação do período, aumento no valor alcançou 11,42%

/NIGEL TREBLIN/AFP/JC

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017.

Segundo dados divulgados ontem pelo Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite (Conseleite), houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006. Contudo, se considerarmos a inflação (IPCA), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258).

"O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria", constata o professor Eduardo Finamore, da Universidade de Passo Fundo (UPF), responsável pela pesquisa. Otimista, Finamore acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. "O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços", indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final de 2018, a previsão do Conseleite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. "De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49%, e o leite em pó, 6,25%", acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conseleite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul. "Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade."

O secretário executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. "Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado", salientou.

**Veículo:** MilkPoint

**Link:** <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/leite-termina-2018-em-queda-mas-acima-do-padrao-de-2017-211800/>

**Página:** Giro de Notícias

**Data:** 18/12/2018



O valor de referência do leite no **Rio Grande do Sul** fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017.

Segundo dados divulgados nesta terça-feira (18/12) pelo Conseleite, houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006. Contudo, se considerarmos a inflação (IPCA), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258).

“O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria”, constata o professor UPF Eduardo Finamore, responsável pela pesquisa. Otimista, ele acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. “O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços”, indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final deste 2018, **a previsão do Conseleite é de queda na produção no campo em função do clima**, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do **mercado do leite UHT** e do **leite em pó**, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. “De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49% e o leite em pó, 6,25%”, acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conseleite, Pedrinho Signori, infelizmente, **a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo**, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de recente compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina Costa Dias, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul no Brasil. “Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade”.

O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. “Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado”, salientou.

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup>, em RS – Novembro de 2018.

Matéria-prima	Valores Projetados Novembro /18	Valores Finais Novembro /18	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2558	1,2250	-0,0308
II – Valor de referência IN 62 <sup>1</sup>	1,0920	1,0652	-0,0267
III – Menor valor de referência	0,9828	0,9587	-0,0241

(1) Valor para o leite “posto na propriedade” o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 62 está incluso Funrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup> IN 62, em RS – Dezembro de 2018.

Matéria-prima	Dezembro*/18
I – Maior valor de referência	1,1566
II – Valor de referência IN 62	1,0057
III – Menor valor de referência	0,9052

\* Previsão

As informações são do Conseleite/RS.

**Veículo:** Página Rural

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/263843/leite-termina-2018-em-queda-mas-acima-do-padro-de-2017-diz-conseleite-gaicho>

**Página:** Notícias

**Data:** 18/12/2018

Terça-feira, 18 de dezembro de 2018 - 18h16m

**Eventos > Leite**

## RS: leite termina 2018 em queda, mas acima do padrão de 2017, diz Conseleite gaúcho

### Porto Alegre/RS

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017.

Segundo dados divulgados nesta terça-feira (18) pelo Conseleite, houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006. Contudo, se considerarmos a inflação (Ipca), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258). "O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria", constata o professor UPF Eduardo Finamore, responsável pela pesquisa.

Otimista, ele acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. "O que o mercado está sinalizando é que teremos

pela frente um ano de bons preços", indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final deste 2018, a previsão do Conseleite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. "De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49% e o leite em pó, 6,25%", acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

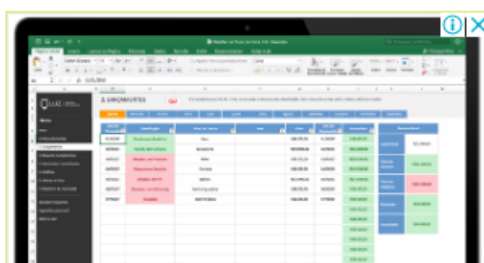
Segundo o presidente do Conseleite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de recente compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina Costa Dias, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul no Brasil. "Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade".

O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. "Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado", salientou.

### Imagens



Foto: Carolina Jardine



### Fluxo de Caixa no Excel

Baixe a versão Demo grátis

LUZ Planilhas

ABRIR >

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup>, em RS – Novembro de 2018.

Matéria-prima	Valores Projetados Novembro /18	Valores Finais Novembro /18	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2558	1,2250	-0,0308
II – Valor de referência IN 62 <sup>1</sup>	1,0920	1,0652	-0,0267
III – Menor valor de referência	0,9828	0,9587	-0,0241

(1) Valor para o leite "posto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 62 está incluso Fumrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup> IN 62, em RS – Dezembro de 2018.

Matéria-prima	Dezembro*/18
I – Maior valor de referência	1,1566
II – Valor de referência IN 62	1,0057
III – Menor valor de referência	0,9052

\* Previsão

**Veículo:** Agrolink

**Link:** <https://www.agrolink.com.br/noticias/leite-termina-2018-em-queda--mas-acima-do-padro-de-2017-414205.html>

**Página:** Notícias

**Data:** 18/12/2018



Leite

## Leite termina 2018 em queda, mas acima do padrão de 2017

Para o final deste 2018, a previsão do Conleite é de queda na produção no campo em função do clima

Imagem créditos: Embrapa Gado de Leite

Por: AGROLINK COM INF. DE ACESSORIA  
Publicado em 18/12/2018 às 14:51h.

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017. Segundo dados divulgados nesta terça-feira (18/12) pelo Conleite, houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006.

Contudo, se considerarmos a inflação (IPCA), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258). “O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria”, constata o professor UPF Eduardo Finamore, responsável pela pesquisa. Otimista, ele acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. “O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços”, indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final deste 2018, a previsão do Conleite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. “De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49% e o leite em pó, 6,25%”, acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conleite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de recente compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina Costa Dias, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul no Brasil. “Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade”. O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. “Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado”, salientou.



**Veículo:** Página Rural

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/263847/sindilat-pede-ao-futuro-governo-equidade-na-competitividade-com-o-mercosul>

**Página:** Notícias

**Data:** 18/12/2018

Terça-feira, 18 de dezembro de 2018 - 22h57m

**Eventos > Reunião**

## **DF: Sindilat pede ao futuro governo equidade na competitividade com o Mercosul**

### **Brasília/DF**

O Sindicato das Indústrias de Leite do Rio Grande do Sul (Sindilat) pediu à nova ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e aos futuros secretários da Receita Federal, Marcos Cintra, e de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, Marcos Troyjo, equidade nas condições competitivas dos lácteos brasileiros com os importados do Mercosul. A solicitação contempla negociação de cotas para entrada dos produtos no Brasil, isonomia tributária em todos os elos da cadeia láctea, o fim da guerra fiscal entre estados e auxílio para retirada do excesso de leite em pó do mercado nacional.

A reunião ocorreu em Brasília nesta terça-feira (18), na sede do Governo de Transição, no Centro Cultural Banco do Brasil (Ccbb). "Pedimos que houvesse uma compra governamental para aliviar a pressão no mercado interno, pois, nos últimos dois meses, entrou no país o dobro da quantidade de leite do que no mesmo período do ano passado. O setor está trabalhando no prejuízo devido à pressão interna sobre o preço", argumentou Guerra. A mesa foi coordenada pelo senador eleito Luís Carlos Heinze e contou com a presença do deputado federal Jerônimo Goergen, além de representantes dos setores de arroz, alho, maçã, trigo, uva e vinho dos três estados do Sul do Brasil.

Segundo Guerra, a ministra garantiu que está em tratativas para que o governo absorva parte do excedente de leite em pó do mercado nacional. De acordo com ele, o governo demonstrou estar aberto ao diálogo e a ouvir os setores. "Ela falou que nós, enquanto país, temos que ter voz ativa pela importância e pelo tamanho que temos no Mercosul, e não negligenciar. Disse também que tem reunião agendada na Argentina, em janeiro, para tratar das disparidades do Mercosul", comentou.

**Fonte:** Sindilat

### **Imagens**



Foto: Divulgação / Sindilat



Veículo: MilkPoint

Link: <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/sindilat-pede-ao-futuro-governo-equidade-na-competitividade-com-o-mercosul-211814/>

Página: Giro de Notícias

Data: 19/12/2018



O **Sindicato das Indústrias de Leite do Rio Grande do Sul (Sindilat)** pediu à nova ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e aos futuros secretários da Receita Federal, Marcos Cintra, e de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, Marcos Troyjo, equidade nas **condições competitivas dos lácteos brasileiros com os importados do Mercosul**. A solicitação contempla negociação de cotas para entrada dos produtos no Brasil, isonomia tributária em todos os elos da cadeia láctea, o fim da guerra fiscal entre estados e auxílio para retirada do excesso de leite em pó do mercado nacional.



A reunião ocorreu em Brasília nesta terça-feira (18/12), na sede do Governo de Transição, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). “Pedimos que houvesse uma compra governamental para aliviar a pressão no mercado interno, pois, nos últimos dois meses, entrou no país o dobro da quantidade de leite do que no mesmo período do ano passado. O setor está trabalhando no prejuízo devido à pressão interna sobre o preço”, argumentou Guerra. A mesa foi coordenada pelo senador eleito Luís Carlos Heinze e contou com a presença do deputado federal Jerônimo Goergen, além de representantes dos setores de arroz, alho, maçã, trigo, uva e vinho dos três estados do Sul do Brasil.



Segundo Guerra, a ministra garantiu que está em tratativas para que o governo absorva parte do **excedente de leite em pó do mercado nacional**. De acordo com ele, o governo demonstrou estar aberto ao diálogo e a ouvir os setores. “Ela falou que nós, enquanto país, temos que ter voz ativa pela importância e pelo tamanho que temos no Mercosul, e não negligenciar. Disse também que tem reunião agendada na Argentina, em janeiro, para tratar das disparidades do Mercosul”, comentou.

As informações são do Sindilat.

**Veículo:** Rádio Guaíba (Site)

**Link:** <https://guaiba.com.br/2018/12/19/sindilat-pede-ao-futuro-governo-equidade-na-competitividade-com-o-mercosul/>

**Página:** Notícias

**Data:** 19/12/2018

# Sindilat pede ao futuro governo equidade na competitividade com o Mercosul

Publicado por **Lucas Rivas** - 19/12/2018 - 12:05 e atualizado em 19/12/2018 - 12:05



Foto: Divulgação

O Sindicato das Indústrias de Leite do Rio Grande do Sul (Sindilat) pediu à nova ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e aos futuros secretários da Receita Federal, Marcos Cintra, e de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, Marcos Troyjo, equidade nas condições competitivas dos lácteos brasileiros com os importados do Mercosul. A solicitação contempla negociação de cotas para entrada dos produtos no Brasil, isonomia tributária em todos os elos da cadeia láctea, o fim da guerra fiscal entre estados e auxílio para retirada do excesso de leite em pó do mercado nacional.

A reunião ocorreu em Brasília nesta terça-feira, na sede do Governo de Transição, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). “Pedimos que houvesse uma compra governamental para aliviar a pressão no mercado interno, pois, nos últimos dois meses, entrou no país o dobro da quantidade de leite do que no mesmo período do ano passado. O setor está trabalhando no prejuízo devido à pressão interna sobre o preço”, argumentou Guerra. A mesa foi coordenada pelo senador eleito Luís Carlos Heinze e contou com a presença do deputado federal Jerônimo Goergen, além de representantes dos setores de arroz, alho, maçã, trigo, uva e vinho dos três estados do Sul do Brasil.

Segundo Guerra, a ministra garantiu que está em tratativas para que o governo absorva parte do excedente de leite em pó do mercado nacional. De acordo com ele, o governo demonstrou estar aberto ao diálogo e a ouvir os setores. “Ela falou que nós, enquanto país, temos que ter voz ativa pela importância e pelo tamanho que temos no Mercosul, e não negligenciar. Disse também que tem reunião agendada na Argentina, em janeiro, para tratar das disparidades do Mercosul”, comentou.

**Veículo:** Notícias Agrícolas

**Link:** <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/leite/227177-sindilat-pede-ao-futuro-governo-equidade-na-competitividade-com-o-mercosul.html#.XBT2tdJKjcc>

**Página:** Notícias

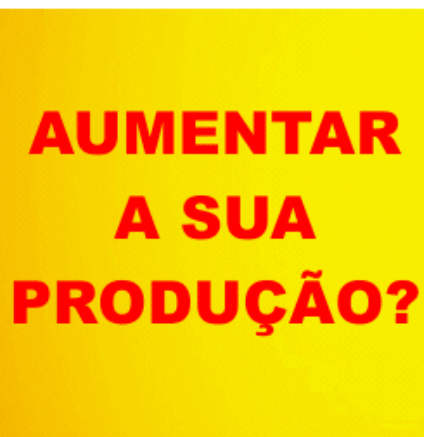
**Data:** 19/12/2018

## Sindilat pede ao futuro governo equidade na competitividade com o Mercosul

Publicado em 19/12/2018 11:35



80 exibições



O Sindicato das Indústrias de Leite do Rio Grande do Sul (Sindilat) pediu à nova ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e aos futuros secretários da Receita Federal, Marcos Cintra, e de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, Marcos Troyjo, equidade nas condições competitivas dos lácteos brasileiros com os importados do Mercosul. A solicitação contempla negociação de cotas para entrada dos produtos no Brasil, isonomia tributária em todos os elos da cadeia láctea, o fim da guerra fiscal entre estados e auxílio para retirada do excesso de leite em pó do mercado nacional.

A reunião ocorreu em Brasília nesta terça-feira, na sede do Governo de Transição, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). "Pedimos que houvesse uma compra governamental para aliviar a pressão no mercado interno, pois, nos últimos dois meses, entrou no país o dobro da quantidade de leite do que no mesmo período do ano passado. O setor está trabalhando no prejuízo devido à pressão interna sobre o preço", argumentou Guerra. A mesa foi coordenada pelo senador eleito Luís Carlos Heinze e contou com a presença do deputado federal Jerônimo Goergen, além de representantes dos setores de arroz, alho, maçã, trigo, uva e vinho dos três estados do Sul do Brasil.

Segundo Guerra, a ministra garantiu que está em tratativas para que o governo absorva parte do excedente de leite em pó do mercado nacional. De acordo com ele, o governo demonstrou estar aberto ao diálogo e a ouvir os setores. "Ela falou que nós, enquanto país, temos que ter voz ativa pela importância e pelo tamanho que temos no Mercosul, e não negligenciar. Disse também que tem reunião agendada na Argentina, em janeiro, para tratar das disparidades do Mercosul", comentou.

Fonte: Sindilat

**Veículo:** Colégio Teutônia

**Link:** <http://www.colegioteutonia.com.br/colégio-teutonia-reconhecido-com-trofeu-responsabilidade-social/>

**Página:** Notícias

**Data:** 19/12/2018

## NOTÍCIAS

### Colégio Teutônia reconhecido com troféu Responsabilidade Social

🕒 19 de dezembro de 2018

#### *Prêmio Destaques Sindilat 2018*

O Colégio Teutônia recebeu o troféu Responsabilidade Social do Prêmio Destaques 2018, promovido pelo Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat). A cerimônia de premiação ocorreu no dia 12 de dezembro, em Porto Alegre.

O educandário esteve representado pelo coordenador do Centro de Eletricidade, professor Márcio Mügge. Na oportunidade, o jornalista e assessor de imprensa do CT, Leandro Augusto Hamester, também recebeu troféu pelo 3º lugar no 4º Prêmio de Jornalismo promovido pelo Sindilat na categoria Fotografia.



Mügge (c) recebeu premiação do Colégio Teutônia durante evento do Sindilat, em Porto Alegre

O Prêmio Destaques valoriza personalidades, empresas e organizações que se consagraram ao longo do ano em prol do setor lácteo, dividido em dez categorias: Agronegócio Nacional, concedido a Luiz Carlos Heinze; Agronegócio Estadual, para Antônio Cettolin; Liderança Política, para Onyx Lorenzoni; Personalidade, para Roberto Tavares; Servidor Público, para Karla Pivato; Setor Público, para Bernardo Todeschini; Inovação, para Lactalis do Brasil; Pesquisa, para Tetra Pak; Responsabilidade Social, para Colégio Teutônia; e Indústria, para Rasip.

A premiação aos profissionais da imprensa reconhece o trabalho de jornalistas que, ao longo do ano, se debruçaram sobre pautas importantes do setor lácteo nacional. O concurso deste ano recebeu volume recorde de inscrições e contou com o trabalho da comissão julgadora formada pela Associação Riograndense de Imprensa, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado, Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado, Farsul, Fetag e Sindilat.



Prêmio Destaques valoriza personalidades, empresas e organizações que se consagraram ao longo do ano em prol do setor lácteo

TEXTO – Leandro Augusto Hamester e Assessoria de Imprensa do Sindilat

CRÉDITO DAS FOTOS – Leandro Augusto Hamester



**Veículo:** Rádio Liberdade

**Link:** <http://www.radioliberalidadeam.com.br/noticia/custo-dos-insumos-e-30--maior-no-brasil-do-que-no-mercosul-3a070b92-c8e6-4fa5-b1b5-a5614cbd4e4b>

**Página:** Notícias

**Data:** 19/12/2018

## Notícias

### Custo dos insumos é 30% maior no Brasil do que no Mercosul



Foto: Valtra/divulgação

Publicado 19/12/2018 10:07

O custo dos principais insumos é 30% maior no Brasil frente à média do Mercosul, aponta comissão formada por representantes do setor produtivo. O grupo apresentou as demandas sobre entraves para a futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e representantes da área econômica. De acordo com a entidade, muitos defensivos, por exemplo, são feitos aqui no país e exportados para os vizinhos com tributações diferenciadas.

O economista da Farsul, Antônio da Luz, explica que elevar os custos reflete diretamente no valor final do produto. “Só

que nem sempre o comprador interno ou externo está disposto a pagar mais caro. Como é que vamos competir em um mundo que subsidia a produção, tributando a nossa?”, questiona.

A comitiva sinalizou que o Brasil precisa tornar o comércio interno mais justo, para que os produtos agrícolas sejam competitivos dentro e fora do país. “Temos uma perspectiva muito boa com relação com esse governo. Que a gente consiga avançar nesses quesitos e que tenhamos uma condição melhor de igualdade e competitividade”, declara o vice-presidente da Federação das Associações de Arrozéis do RS (Federarroz), Alexandre Velho.

Para o leite, setor que teve a crise acentuada pelas importações recentes do Uruguai e Argentina, fica a expectativa para o ano que vem de compras governamentais e a delimitação de cotas para os vizinhos do Mercosul.

De acordo com o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), o que os produtores querem é previsibilidade de quanto novos volume vão entrar. “Não que aconteça como foi agora: em dois meses entrou o dobro do ano passado. Foi a 18 mil toneladas”, afirma.

**Veículo:** Portal do Agronegócio

**Link:** <https://www.portaldoagronegocio.com.br/noticia/leite-termina-2018-em-queda-mas-acima-do-padrao-de-2017-179174>

**Página:** Notícias

**Data:** 19/12/2018

## Leite termina 2018 em queda, mas acima do padrão de 2017

Para o final deste 2018, a previsão do Conseteite é de queda na produção no campo em função do clima



O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro (R\$ 1,0652). No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017. Segundo dados divulgados nesta terça-feira (18/12) pelo Conseteite, houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006.

Contudo, se considerarmos a inflação (IPCA), a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 (R\$ 1,1058) e 2013 (R\$ 1,1258). "O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria", constata o professor UPF Eduardo Finamore, responsável pela pesquisa. Otimista, ele acredita que 2019 será um ano

de nova recuperação. "O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços", indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido. Para o final deste 2018, a previsão do Conseteite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. "De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49% e o leite em pó, 6,25%", acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conseteite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de recente compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina Costa Dias, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul no Brasil. "Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade". O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. "Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado", salientou.

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/noticias/pecuaria/leite/preco-do-leite-em-2018-sobe-15-maior-variacao-anual-desde-2006/>

**Página:** Notícias

**Data:** 19/12/2018

RIO GRANDE DO SUL

## Preço do leite em 2018 sobe 15%, maior variação anual desde 2006

Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam a variação no estado

19 de dezembro de 2018 às 10:25  
Por Canal Rural



Fonte: Pixabay

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul fecha o ano em R\$ 1,0057, queda projetada de 5,58% para o mês de dezembro em relação ao consolidado de novembro que encerrou com R\$ 1,0652. No acumulado de 2018, no entanto, houve valorização em relação aos valores praticados em 2017.

Segundo dados divulgados nesta terça-feira, dia 18, pelo Conseleite, houve uma elevação nominal média de 15,59% no valor de referência, a maior variação percentual anual desde 2006. Contudo, se considerada a inflação, a valorização real em 2018 em relação a 2017 é de 11,42%, o que resulta em um valor médio do ano de R\$ 1,1012, abaixo das médias corrigidas de 2016 com R\$ 1,1058 e 2013, R\$ 1,1258.



**IC Markets**  
EXPAND YOUR POTENTIAL WITH LEVERAGE UPTO **500:1**  
START TRADING WITH A **TRUE ECN** BROKER  
EXECUTION FROM 1 MILLI SECOND  
**START TRADING**  
Forex trading involves risks. Please read the FDS on our website www.icmarkets.com AFSL 335692

“O ano de 2018 foi melhor do que 2017 tanto para o produtor quanto para a indústria”, constata o professor UPF Eduardo Finamore, responsável pela pesquisa. Otimista, ele acredita que 2019 será um ano de nova recuperação. “O que o mercado está sinalizando é que teremos pela frente um ano de bons preços”, indica, pontuando que a retomada deve vir a partir do início do ano, quando, tradicionalmente, o consumo das famílias é reaquecido.

Para o final deste 2018, a previsão do Conseleite é de queda na produção no campo em função do clima, o que reforça a projeção de alta de preços para os próximos meses.

Os números de dezembro refletem diretamente o desempenho do mercado do leite UHT e do leite em pó, dois produtos que puxam o mix no Rio Grande do Sul. “De janeiro a dezembro de 2018, o UHT acumulou alta de 7,49% e o leite em pó, 6,25%”, acrescentou Finamore. Comparando dezembro de 2018 com o mesmo mês de 2017, verificou-se que o leite UHT manteve-se praticamente nos mesmos patamares (0,61%), enquanto o pó teve alta de 20,75%.

Segundo o presidente do Conseleite, Pedrinho Signori, infelizmente, a valorização apresentada nos números traz pouco da realidade do campo, onde os produtores enfrentam alta de custos. E lembrou de recente compromisso assumido pela futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina Costa Dias, com o setor para revisar o ingresso de lácteos do Mercosul no Brasil. “Isso nos traz otimismo em um momento difícil para a atividade”.

O secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indica que o ajuste cambial garantiu estabilidade de preços dos insumos, o que tornou a produção mais rentável tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul. Palharini indicou que o caminho para a maior estabilidade do mercado é fomentar as exportações. “Temos clientes importantes a conquistar para equilibrar o mercado”, salientou.

**Veículo:** Guialat

**Link:** [https://www.guialat.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=4141](https://www.guialat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=4141)

**Página:** Cadeia do Leite

**Data:** 21/12/2018

## Startups gaúchas se destacam nacionalmente na criação de soluções tecnológicas para a cadeia produtiva do leite

21/12/2018 09:12:09 - Por: Assessoria de Imprensa Sindilat

O setor lácteo está permanentemente em um processo de modernização e isso passa diretamente pelo investimento em tecnologia, afirmou Palharini.



Utilizar soluções tecnológicas para auxiliar os produtores de leite no manejo das vacas e, conseqüentemente, reduzir custos e agilizar o trabalho nas propriedades, tem se tornado uma tendência do setor. O Desafio das Startups competição que integrou o Ideas for Milk 2018, evento promovido pela Embrapa Gado do Leite, premiou três startups que têm como atuação principal simplificar a vida no campo e na indústria. Entre elas, duas gaúchas se destacaram na competição.

Para o secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Darlan Palharini, é indispensável reconhecer essas iniciativas e torná-las cada vez mais acessíveis para os produtores de leite e a indústria. "O setor lácteo está permanentemente em um processo de modernização e isso passa diretamente pelo investimento em tecnologia", afirmou Palharini, que participou da escolha dos vencedores.

"Traduzir a opinião das vacas." Este é o principal objetivo da CowMed AS, startup criada pelos irmãos Leonardo e Thiago Guedes que, atualmente, conta com uma equipe de seis especialistas. Para isso, a empresa desenvolveu uma coleira capaz de mensurar os principais parâmetros comportamentais relacionadas à saúde e à reprodução dos animais. A tecnologia pode ser aplicada individualmente ou em lotes e foi pensada para pequenas, médias e grandes propriedades leiteiras.

Os dados são coletados por antenas e enviados para a nuvem, onde a ferramenta VIC (Virtual Interpreter of Cows) analisa os animais e emite alertas para os produtores, que vão desde sinais sobre o comportamento do cio até a indicação do melhor horário para realizar a inseminação. O produtor recebe as informações coletadas pelo programa por meio de software web de monitoramento ou aplicativo mobile. É possível comprar a tecnologia ou adquirir um plano de pagamento mensal.

De acordo com os desenvolvedores do projeto, o monitoramento dos animais permite obter uma pecuária mais precisa. Além disso, esse monitoramento pode servir de base para criar ferramentas que potencializem a produtividade. A empresa conta com um portfólio de mais de 15 mil animais monitorados em 11 estados brasileiros e mais de 30 milhões de horas de comportamento animal. A ideia rendeu para a equipe o segundo lugar no Desafio das Startups do Ideas for Milk 2018.

Se a CowMed SA focou no comportamento das vacas, a Startup Z2S Sistemas Automáticos levou conhecimentos da engenharia elétrica para o campo para auxiliar na limpeza e higienização da produção de leite. O engenheiro eletricista Elias Francisco Sgarbossa projetou em seu trabalho de conclusão de curso da faculdade de Engenharia Elétrica da Universidade de Passo Fundo (UPF), com o apoio da Agência de Inovação Tecnológica da (UPF), um sistema automático para limpeza de ordenhadeiras canalizadas. O ROV funciona automaticamente e funciona em horário programado, sempre 30 minutos antes da ordenha.

Em 2017, a startup foi incorporada ao UPF Parque e, no final de 2017, foram anexados ao portfólio de serviços da Z2S mais dois equipamentos de limpeza e higienização. O SALT é responsável pela limpeza de tanques de resfriamento de leite e o ROVTL auxilia os produtores na higienização entre ordenhadeiras e transferidores de leite. Os sistemas funcionam a partir de um microcontrolador com firmware embarcado, escrito em linguagem C e podem ser integrados ou serem utilizados de forma independente. Todo o processo ocorre de maneira automática, incluindo o controle e o monitoramento de temperatura, dosagem de produtos químicos e acionamento dos motores.

O sistema ROV nasceu de uma demanda particular de Sgarbossa. Filho de produtores de leite, o engenheiro electricista notou que a família levava muito tempo realizando o processo de limpeza da ordenhadeira. A partir disso, iniciou testes do protótipo na fazenda e o resultado foi surpreendente. Em um ano, o equipamento proporcionou redução de 87% na Contagem Bacteriana Total (CBT) do leite, atingindo níveis inferiores a 2mil UFC/ml.

Além disso, a sustentabilidade também foi ampliada na produção da fazenda, tendo em vista que o equipamento reduziu em 50% o consumo de detergentes e 20% o consumo de água. Os engenheiros electricistas Adriano Luis Toazza e Charles Bortolanza também integram a startup que ficou em terceiro lugar do Desafio das Startups da Ideas for Milk 2018.

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/rural-noticias/apesar-de-sofrimento-setor-do-leite-cresceu-em-2018/>

**Página:** Programas

**Data:** 27/12/2018

SOB PRESSÃO

## Apesar de sofrimento, setor do leite cresceu em 2018

O setor sofreu muitas dificuldades em 2018, em especial por conta da greve dos caminhoneiros

27 de dezembro de 2018 às 19:57  
Por Canal Rural



A cadeia leiteira sofreu muitas dificuldades em 2018, especialmente por causa da greve dos caminhoneiros. Ainda assim, o segmento encerra este ano com crescimento e já conhece bem os desafios que vêm pela frente.

O comentarista Benedito Rosa analisa quais medidas públicas poderiam ser tomadas para ajudar o produtor de leite em 2019.



Pesquisadores dos EUA descobrem  
Fórmula Revolucionária para baixar a  
Glicose.

[Visitar Site >](#)

**Veículo:** MilkPoint

**Link:** <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/setor-lacteo-hora-de-renovar-e-inovar-jornal-do-comercio-httpswwwjornaldocomercioconte-211908/>

**Página:** Giro de notícias

**Data:** 28/12/2018



*\*Por Alexandre Guerra, Presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados/RS, para o Jornal do Comércio*

Os desafios impostos à cadeia leiteira no ano que se encerra foram os mesmos que deixaram evidente a grande potencialidade do setor. Relembrando que a mais abrangente **greve dos caminhoneiros** atingiu em cheio nossas indústrias e nossos produtores e nos levou a questionar sobre a logística do setor, a pensar em formas de inovar, de produzir diferente e de sermos mais competitivos. Ingressamos em 2019 com otimismo renovado frente ao cenário político-econômico que se desenha, apostando no potencial do segmento que só no RS é responsável por 2,81% do PIB, e comemorando a retomada de nosso Estado na segunda colocação nacional na produção de leite. São 4,55 bilhões de litros/ano, ou 13,6% da produção de todo o País.

***"Ingressamos em 2019 com otimismo renovado frente ao cenário político-econômico que se desenha, apostando no potencial do segmento que só no RS é responsável por 2,81% do PIB, e comemorando a retomada de nosso Estado na segunda colocação nacional na produção de leite".***

No ano em que completamos 50 anos de atuação em prol do desenvolvimento do **setor lácteo gaúcho**, temos pela frente uma grande missão, que é a de elevar o nível de competitividade na cadeia produtiva. Estamos longe dos grandes centros de consumo e precisamos de estratégias para alcançá-la de uma forma viável. Uma de nossas **ações prioritárias**, que em 2018 se consolidou como uma bandeira, é o **fomento às exportações**. Somos agentes de negociações em Brasília para garantir a abertura de mercados e a definição de ações para exportação de leite, medida essencial para estabilizarmos a produção no Sul, região reconhecida pelo **excelente controle sanitário** e por ter os rebanhos mais testados para brucelose e tuberculose do País. Alicerçados no trabalho realizado com a **Aliança Láctea Sul Brasileira**, nossa meta é fazer com que Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná respondam, até 2025, por 50% da produção nacional de leite.



Mais do que volume, acreditamos na excelência de nossos produtos e na atração por consumidores de diferentes países. Para alcançarmos esse objetivo, precisamos da sensibilidade dos governos de diferentes esferas no atendimento de nossas mazelas para ganharmos competitividade e enfrentarmos o Mercosul. Assim como os governos, nos comprometemos com o crescimento do Brasil e fazemos o dever de casa ao trabalharmos pelo desenvolvimento de uma atividade que no Rio Grande do Sul envolve diretamente 65 mil famílias.

***"Para alcançarmos esse objetivo, precisamos da sensibilidade dos governos de diferentes esferas no atendimento de nossas mazelas para ganharmos competitividade e enfrentarmos o Mercosul".***

**Veículo:** Site da Abrafrutas

**Link:** <http://abrafrutas.org/2018/12/19/custo-dos-insumos-e-30-maior-no-brasil-do-que-no-mercosul/>

**Página:** Publicações

**Data:** 28/12/2018

## CUSTO DOS INSUMOS É 30% MAIOR NO BRASIL DO QUE NO MERCOSUL

O gasto reflete diretamente no valor final do produto brasileiro, tirando a competitividade no mercado, defendem entidades do agronegócio



Foto: Valtra/divulgação

O custo dos principais insumos é 30% maior no Brasil frente à média do Mercosul, aponta comissão formada por representantes do setor produtivo. O grupo apresentou as demandas sobre entraves para a futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e representantes da área econômica. De acordo com a entidade, muitos defensivos, por exemplo, são feitos aqui no país e exportados para os vizinhos com tributações diferenciadas.

O economista da Farsul, Antônio da Luz, explica que elevar os custos reflete diretamente no valor final do produto. “Só que nem sempre o comprador interno ou externo está disposto a pagar mais caro. Como é que vamos competir em um mundo que subsidia a produção, tributando a nossa?”, questiona.

A comitiva sinalizou que o Brasil precisa tornar o comércio interno mais justo, para que os produtos agrícolas sejam competitivos dentro e fora do país. “Temos uma perspectiva muito boa com relação com esse governo. Que a gente consiga avançar nesses quesitos e que tenhamos uma condição melhor de igualdade e competitividade”, declara o vice-presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do RS (Federarroz), Alexandre Velho.

- 
- Para o leite, setor que teve a crise acentuada pelas importações recentes do Uruguai e Argentina, fica a expectativa para o ano que vem de compras governamentais e a delimitação de cotas para os vizinhos do Mercosul.

De acordo com o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), o que os produtores querem é previsibilidade de quanto novo volume vão entrar. “Não que aconteça como foi agora: em dois meses entrou o dobro do ano passado. Foi a 18 mil toneladas”, afirma.

Fonte: Canal Rural



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

## **CLIPPING RÁDIO E TV**

Dezembro de 2018

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/jornal-da-pecuaria/novas-regras-para-leite-cru-preocupam-setor-produtivo/>

**Programa:** Jornal da Pecuária

**Tempo de duração:** 3:53

**Data:** 04/12/2018



**Veículo:** TV Bandeirantes

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=VAU1XIPZFpE>

**Programa:** Band Cidade

**Tempo de duração:** 0:25

**Data:** 13/12/2018



Band vence prêmio SINDILAT de jornalismo de TV - Band Cidade 13/12/2018

7 visualizações

👍 1    🗨️ 0    ➦ COMPARTILHAR    ≡ SALVAR    ...

**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/rural-noticias/brasil-importou-quase-o-dobro-de-leite-em-novembro-diz-fetag-rs/>

**Programa:** Rural Notícias

**Tempo de duração:** 2:28

**Data:** 14/12/2018

